

SUMÁRIO

4 CHICO

CONHECIMENTO SUPERIOR

Mensagem através de Emmanuel

6 REFLEXÃO

CONSEQÜÊNCIAS DO ESTUDO DOCTRINÁRIO NO CENTRO

ESPÍRITA

Como é uma casa espírita que prioriza o estudo

8 ENSINAMENTO

OS VÍCIOS À LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA

Por que existem os vícios?

10 MENSAGEM

AS TRÊS AFIRMATIVAS DO CRISTO

Eu sou o caminho, a verdade e a vida

11 MENSAGEM

A MENSAGEM

Comunicação espírita

12 ATUALIDADE

O ADOLESCENTE DIANTE DA FAMÍLIA

Lar, o melhor e mais eficiente educandário

14 CAPA

PRECE - TELEFONE PARA O ALÉM

Como e por que orar?

24 ESTUDO

A DOR

Motivos da dor

27 COM TODAS AS LETRAS

MEIO PODE FICAR INVARIÁVEL, OU TER FEMININO E PLURAL

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Como espírito imortal, o homem traz consigo um arquivo de lembranças que transcendem à existência atual. Viajante do tempo e do espaço, conserva em seu psiquismo todas as experiências que assinalam sua trajetória evolutiva. Inúmeros estudos no presente e no passado, atestam a existência, no homem, de uma memória extracerebral, estruturada no inconsciente profundo de onde podem emergir, por indução ou espontaneamente, recordações de vidas pretéritas.

Não há razão para estranhar, portanto, que, em determinadas circunstâncias, o espírito reencarnado consiga acessar as lembranças do passado, projetando-as, consciente ou inconscientemente, na existência atual.

Comum nos médiuns iniciantes, o fenômeno chamado "anímico", por ter como origem a alma do próprio sensitivo, reclama atenção e equilíbrio por parte dos dirigentes, a fim de se evitarem interpretações precipitadas.

É preciso entender que em tais circunstâncias o médium fala como espírito liberto do corpo, podendo revelar aspectos que permaneciam ocultos na presente reencarnação, bem como fixar-se em determinadas experiências que o tenham marcado negativamente no passado espiritual.

No primeiro caso, pode apresentar, por exemplo, um grau de cultura intelectual superior àquele que o caracteriza na existência atual.

No segundo, surgirá, muitas vezes, situações aflitivas, reclamando orientação.

Confundir o fenômeno com fraude intencional é incorrer num erro tão grosseiro quanto o cometido por opositores do Espiritismo, ao imaginar que toda comunicação mediúmica não passa de um produto mental do próprio médium. Ambas as interpretações revelam escassez de conhecimento sobre a transcendência do psiquismo humano, que pede mais estudo e menos preconceito.

Com isso, não pretendemos menosprezar a disciplina mediúmica, que deve prevalecer nas sessões de intercâmbio, principalmente naquelas destinadas ao atendimento de entidades em estado de perturbação. Os trabalhos dessa ordem têm objetivos muito bem definidos, que devem ser preservados a qualquer custo.

Também não se pode ignorar a ação de hipnotizadores do Além, que muitas vezes induzem suas vítimas encarnadas a se fixarem em determinadas experiências aflitivas do passado espiritual, com o objetivo de aprisioná-las nas malhas da obsessão. O psiquismo humano é um vasto continente ainda pouco explorado.

Isso não significa, porém, que a abordagem às ocorrências anímicas deva excluir a generosidade cristã no trato com os seus protagonistas. Independentemente do fato de estar encarnado ou desencarnado, todo espírito que se manifeste em condições de aflição e ignorância merece o atendimento fraterno na forma de socorro e esclarecimento.

Ainda que se evidencie o fenômeno anímico, o médium estará num estado modificado de consciência, merecendo receber a abordagem adequada para estabilizar-se interiormente.

Claro que o problema pede solução, a fim de que a pessoa não fique limitada em si mesma. Entretanto, é preciso solucionar ajudando. E o verbo ajudar, nesse caso, deve ser conjugado não apenas pelo dirigente responsável pelas atividades mediúnicas, mas também pelo médium em relação a si mesmo, no esforço constante e sereno de conhecer-se mais para servir melhor.

O diálogo amigo, estruturado no estudo, na experiência e no conhecimento, constituirá sempre a melhor ferramenta para reajustar as ondas mentais do necessitado, favorecendo-lhe o reequilíbrio a fim de que, posteriormente, possa canalizar suas energias psíquicas para o intercâmbio sadio com o mundo espiritual.

Augusto

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. Pág 56 - 57. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Conhecimento Superior

por Emmanuel / Chico Xavier

Reunião pública de 29-I-60 Questão nº 28 - § 4º

Na aquisição do conhecimento superior, não acredites que o deslumbramento substitua o trabalho.

Nem julgues que o benfeitor espiritual, por mais amigo, possa efetuar a obra que te compete.

O professor esclarece.

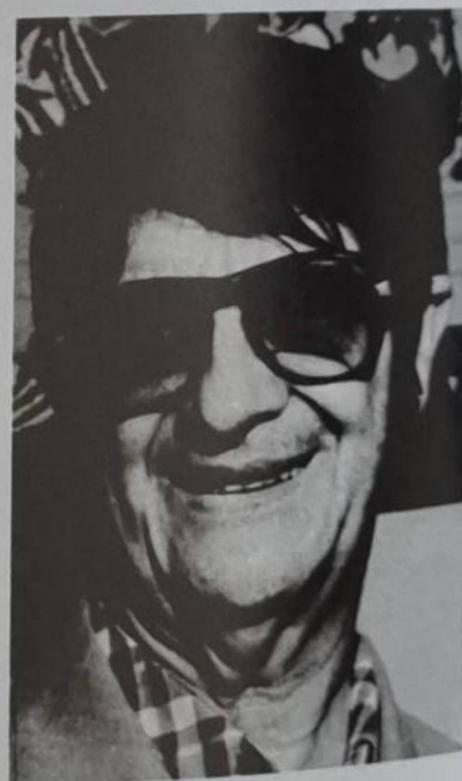
O aluno, porém, deve equacionar os problemas da escola.

O médico auxilia.

O doente, contudo, deve atender-lhe as indicações.

Toda realização pede esforço.

Toda construção pede tempo.



**Toda realização pede esforço.
Toda construção pede tempo.**

Repara a árvore educada que se fez preguiçosa.
É um monumento de beleza e vitalidade.
Grandes raízes garantem-lhe a existência.
Tronco robusto resiste à força do vento.
Galhos crescem, enormes, ajudando a quem passa.
Flores surgem, desafiando geômetras e pintores.
Frutos aparecem, ricos de suco nutritivo.
Fibras e folhas, seiva e perfume completam-lhe a respeitabilidade e grandeza.

Lembre-mo-nos, no entanto, de que o prodígio, atingindo, às vezes, centenas ou milhares de quilos, estava contido, em essência, na semente pequenina de apenas alguns gramas.

Entretanto, se alguém não houvesse cultivado a semente minúscula, consagrando-lhe atenção e trabalho no curso dos dias, a árvore magnificente não se teria consolidado, afirmando-se em madureza e cooperação.

Agradece, pois, o carinho dos Espíritos generosos, encarnados, ou desencarnados, que te amparam a experiência, aplicando-te às lições, de que são mensageiros.

Não admitas, contudo, que a presença deles te baste ao aprimoramento individual.

Recorda que nem os companheiros da glória do Cristo escaparam ao impositivo do serviço constante.

Os apóstolos que lhe respiraram a convivência não repousam ante as flamas do Pentecostes, mas seguem luta adiante, de renúncia em renúncia, adquirindo, pouco a pouco, a grande libertação, e Saulo de Tarso, visitado pelo próprio Mestre, em pessoa, não pára sob o jorro da senda de Damasceno, mas avança, de suplício em suplício, assimilando, a preço de sofrimento, o dom da Divina Luz. ♦

Agradece, pois, o carinho dos Espíritos generosos, que te amparam a experiência



Fonte:

XAVIER, Francisco C. *Seara dos Médiums*. Pág. 33 - 34. Feb. 2005.

Conseqüências do Estudo Doutrinário no Centro Espírita

por Orson Peter Carrara

Como é um centro espírita que prioriza o estudo? Que comportamento tem seus freqüentadores e seus dirigentes? Na teoria, será uma Casa coerente com a Doutrina. Na

de trabalho e entendimento. A fé torna-se operante.

Numa Casa Espírita onde se dá o valor que merece o estudo, são muitas as conseqüências que

Sim, o estudo esclarece.

O esclarecimento abre os canais do entendimento

prática, vivera o amor! Sim, o estudo esclarece. O esclarecimento abre os canais do entendimento. Existe a presença da fraternidade entre os companheiros. Respira-se o clima

sugerem e se observa. Na prática coerente com os princípios espíritas, não há existências de rituais, vestimentas, aparatos, uso de práticas exteriores e inovações incompatíveis

com a Doutrina. Não há chefe ou médium especial, nem tão pouco o uso de velas, pirâmides, cromoterapia, cristais ou defumadores, como também não atende a interesses materiais ou realização de casamento, batizados ou festas mundanas. Gestos, hierarquias, promessas de curas ou soluções de problemas, previsão do futuro ou regressão de memória, cobrança por serviços prestados, oferendas, despachos ou outras práticas estão distantes da prática espírita. Esta é praticada no coração, com uso da razão, da lógica, do bom senso.

Equívocos, distorções, interpretações incorretas, incoerências ficam por conta da falta de estudo e de responsabilidade de quem as usa ou pratica.

O estudo se situa como orientador das atividades espíritas. Quem estuda sabe como agir, sabe direcionar suas atividades. Neste ponto, a troca de experiências com outros grupos, a participação em eventos, especialmente aqueles que proporcionem ampla discussão e troca de idéias, a leitura de artigos publicados na imprensa espírita (que sempre abordam estas questões), proporcionam ao dirigente, aos trabalhadores valiosas oportunidades de reflexão e planejamento das atividades da Casa Espírita.



São muitos os absurdos cometidos e tidos em conta de prática espírita. Enquadram-se neles os "guias" infalíveis que opinam sobre todas as questões, as revelações surpreendentes e espetaculares, os verdadeiros "espetáculos" dramatizados de reuniões mediúnicas públicas, os "chefões" encarnados que tudo decidem. Inclusive sobre a vida alheia e muitos outros casos que podem ser encontrados em literatura específica. Fatos que podem ser o que quisermos, menos a Doutrina Espírita, a tal disparidade com a lógica, o bom senso, a razão.

Já a Casa Espírita estudiosa, dedicada à pesquisa, incentivadora de cursos, de programas bem cuidados que incentivam o freqüentador e o trabalhador espírita a refletir, a entender e praticar coerentemente o Espiritismo, viverá ambiente concordante com o próprio perfil do Espiritismo: uma Doutrina de cultura, aberta a todos, sem mistérios ou misticismos, mas profundamente esclarecedora, expositiva, orientadora. Que deseja um adepto questionador, que a busque em seus fundamentos incorporando-a ao seu proceder, entendendo suas propostas. A Doutrina Espírita é dinâmica, abrange qualquer assunto do conhecimento humano e, por isso, proporcionadora de vastíssimo campo de pesquisa nos problemas humanos para auxiliar o homem a encontrar caminhos de felicidade e progresso.

Longe de ser uma Doutrina triste, como pensam alguns que não conhecem devidamente, é um caminho de muitas alegrias e conquistas espirituais, morais. Àquele que se integra ao seu movimento e

se aprofunda em seu conhecimento surge a sensação nítida de muitas perspectivas de trabalho e alegrias, face ao campo de fraternidade que ela mesma, a Doutrina, está inserida.

É justamente aí que reside a outra consequência do estudo praticado na Casa Espírita: a fraternidade e o entendimento entre seus integrantes. O estudo proporciona

Não há frieza, nem indiferença, mas alegria! Respira-se trabalho no bem com a variada gama de atividade que o Centro Espírita pode se envolver a bem dos homens.

Às vezes ouve-se reclamos de instituições que tem baixa freqüência, que não conseguem colaboradores ou tem público demasiadamente flutuante ou descompromissado com a Casa e com Causa. A razão

O estudo é convidativo à melhora individual, ao respeito às diferenças individuais

isto. Compreende-se com clareza que somos todos irmãos, destinados à felicidade, com importante necessidade de solidariedade de irmãos. Já não haverá concorrências, melindres, disputas, mas entendimentos. O estudo é convidativo à melhora individual, ao respeito às diferenças individuais. Fica fácil entender o que o estudo faz! Isto vale inclusive a nível de movimento.

Quando persiste o clima de desconfiança, quando insiste o mal das disputas internas, da maledicência, é sinal claro e evidente que ali faltou o verdadeiro entendimento da Doutrina.

A Doutrina é bela! Pessoas que não se conhecem são levadas a se abraçarem, a abrirem fraternalmente o coração, a viverem bem entre si sob a bandeira do Espiritismo. Verdadeiro curso de relações humanas, que a Doutrina ensina e os que entendem praticam.

Ao adentrar-se num Centro Espírita que estuda logo se percebe,

é a falta de estudo! Ofereça-se ao público um programa seqüente, consistente, aborde-se questões do cotidiano à luz do Espiritismo, fale-se de Jesus ao coração, incentive-se os freqüentadores ao estudo e ao trabalho. Pronto! A instituição terá seu público envolvido, trabalhador, assíduo, colaborador ...

Tudo isso o estudo faz! A força do Espiritismo, como diz Kardec, não está no fenômeno, mas em suas idéias, em sua proposta. O homem está bastante amadurecido para estudar, para entender. A Doutrina tem o conteúdo, basta utilizá-lo com dinamismo e acerto. Qualidade na transmissão do ensino é o que não pode ser esquecido. Veja no capítulo PRIORIDADE NO CENTRO ESPÍRITA como alcançar isto. ♦

Fonte:

CARRARA, Orson Peter. *Causa e Casa Espíritas*. Pág. 53 - 57. Edições Carrara Ltda - ME, 1999.

Os Vícios à Luz da Doutrina Espírita

por Fernando Antônio Neves

Os vícios são, sem dúvida alguma, a maior chaga moral da humanidade nos tempos atuais. Segundo o neurocientista Stefen Clein, em seu livro "A Fórmula da Felicidade", quando enveredamos na obtenção dos prazeres grosseiros a área cerebral estimulada, é exatamente a mesma, com larga produção de serotonina e dopamina, que nos dão uma sensação transitória de prazer.

A má notícia é que, imediatamente após, os hormônios contrarreguladores são liberados dando-nos uma sensação de mal-estar e indisposição. Quando ingerimos bebidas alcoólicas, buscamos a sexolatria sem afetividade, comemos doces exageradamente ou nos drogamos; estamos, portanto, estimulando a mesma área do sistema límbico, numa busca desenfreada por serotonina em nosso organismo. O

problema é que após a bebida vem a ressaca, após os lautos banquetes a indigestão e a sonolência, após o sexo sem amor, a melancolia e o desinteresse.

A longo prazo, destruimos prematuramente o nosso templo físico, pois, como diz Paulo de Tarso, "o salário do pecado (vício) é a morte".

Esta a diferença básica entre os prazeres materiais e espirituais: os primeiros são transitórios e, muitas vezes, sucedido, imediatamente, pela dor, levando-nos lentamente à desencarnação prematura; os segundos, embora mais sutis, têm maior durabilidade e nenhuma dor, pois tudo o que se refere ao espírito se eterniza e vivifica por si, pela vinculação intrínseca à Fonte de Tudo.

Esses prazeres espirituais a que me refiro são o bem que fazemos aos outros e a nós mesmos através da caridade, da oração e da meditação. Quando fazemos, por exemplo, uma campanha do quilo ou visitamos um hospital ou abrigo de idosos, sentimos uma agradável sensação que, muitas vezes, persiste a semana inteira.

Uma forma simples, portanto, de vencermos as tendências inferiores é substituímos os prazeres materiais pelos espirituais. Substituímos os pensamentos negativos



por positivos. Na pergunta 917 de O Livro dos Espíritos, Fénelon nos orienta que a predominância da vida moral sobre a vida material é um poderoso instrumento para enfraquecermos o nosso egoísmo, causa de todos os vícios (pergunta 913). Ocuparmos o nosso tempo com leituras edificantes, palestras esclarecedoras e tarefas evangélicas, e direcionarmos nossos pensamentos, preenchendo com sabedoria os horários vagos.

No primeiro mandamento "Amar a Deus sobre todas as coisas" Jesus nos orienta com exatidão como nos libertarmos da escravidão material. Como tudo, no universo está impregnado da Divina Presença, segundo nos esclarece o mestre de Lion no capítulo II de A Gênese Kardequiana (a Providência Divina), ao nos apegarmos a algo material estamos substituindo o Todo pela parte e isso nos causa dor e dependência. Quando direcionamos as nossas mentes para a Fonte, fazemos o processo contrário e, portanto, plenificamos o nosso vazio psicológico pela consciência de plenitude, a solidão pelo Amor Maior, a parte pelo todo, o sofrimento pela felicidade da percepção do contato íntimo com o Cristo, numa forma de prazer infinitamente maior e mais duradoura.

"Amar a Deus sobre todas as coisas" significa, portanto, substituímos prazeres menores, materiais, grosseiros e efêmeros por um prazer incomensuravelmente maior, mais suave e eterno. Quando seguimos o primeiro mandamento, portanto, colocamos as coisas espirituais acima das materiais e isso nos coloca em contato com a nossa verdadeira

Essência, nos reposicionando nos trilhos da nossa missão na Terra e nos felicitando com a paz espiritual dos justos.

Vale salientar que, existe um forte sinergismo entre o "Amar a Deus", "Amar ao próximo" e "Amar a si", pois estes mandamentos áureos se retroalimentam:

1. Não poderemos amar ao nosso próximo, sem amarmos a nós mesmos, se estamos nos desvalorizando e auto-destruindo fisicamente através dos vícios.

2. Amar a Deus é amar a si da melhor forma possível, pois percebemos que o nosso Si, não é o corpo físico, mas o espírito imortal que, por sua vez, já está mergulhado na Consciência Maior que o eterniza e ilumina.

3. Amar a Deus é amar a si, porque a qualidade de nossa vida

trocamos pela viciação que antecipará a nossa morte física. Esta é outra forma extremamente eficaz de evitarmos o primeiro gole, a primeira mordida compulsiva ou uma relação extra-conjugal: colocarmos na tela mental a figura da nossa esposa e filhos e perceber o quanto lhe causaremos dor com nossa atitude!

O maior dos vícios, segundo a pergunta 913 de O Livro dos Espíritos, é o egoísmo e a maior virtude é o desinteresse pessoal (pergunta 893).

Portanto, a chave da felicidade e da liberdade é submetermos nossa pequena vontade à Vontade Maior, que, num nível mais profundo, também é a nossa e, entrando em contato com o amor que emana dos nossos corações, exteriorizar o Cristo, o Sublime Amor, que nos

Uma forma simples de vencermos as tendências inferiores é substituímos os prazeres materiais pelos espirituais

melhora infinitamente quando submetemos a nossa pequena vontade pessoal à Vontade Maior. Quando nos libertamos dos vícios encontramos o Cristo que habita em nossos corações e nos permitimos ouvir sua voz que nos guia invariavelmente à felicidade nossa e das pessoas que amamos.

4. Quando nos auto-destruímos estamos desrespeitando o amor ao próximo, porque prejudicamos justamente as pessoas que mais amamos. Nossa esposa, filhos, pais e amigos são os mais afetados se os

vivifica e que teve sua maior expressão no meigo Rabi da Galiléia.

O amor, portanto, substituirá todas as nossas necessidades, enchendo de alegria todos os instantes da nossa vida e nos conduzindo rumo ao futuro radiante que a todos nos aguarda. ♦

Fonte:

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. KARDEC, Allan. A Gênese. CLEIN, Stefan. A Fórmula da Felicidade.

As Três Afirmativas do Cristo

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai senão por mim.” (Evangelho)

por Vinicius

Sou o Caminho, porque já fiz o percurso que ainda não fizestes; posso, portanto, ser, como de fato sou, vosso guia, vosso roteiro, vosso cicerone. Ninguém vos poderá conduzir e orientar senão eu mesmo, porque nenhum outro, de todos que baixaram à Terra, jamais fez o trajeto que conduz ao Pai. Por isso vos digo: ninguém realiza os eternos destinos, senão acompanhando-me, seguindo as minhas pegadas.

Sou a Verdade, porque não falo de mim mesmo, não fantasio como fazem os homens que buscam seus próprios interesses e sua própria glória; só falo o que ouvi e aprendi do Pai, agindo como seu oráculo, como seu mesmo verbo encarnado.

Sou a Vida, porque sou ressurgido, dominei a matéria, sou imortal, tenho vida em mim mesmo. Não sou como os homens cuja existência efêmera e instável depende, em absoluto, de circunstâncias externas.

Fonte:

Vinicius, *Nas Pegadas do Mestre*. Págs. 245 - 244. Feb.

A Mensagem

por Augusto / Clayton Levy

Era grande a expectativa.

Conforme informara dedicado servidor espiritual, naquele dia a Casa Espírita seria visitada por elevado amigo do espaço.

Certamente ele teria importante mensagem para transmitir aos servidores encarnados.

À hora prevista, o grupo se entregou à prece e esperou.

O mensageiro do Alto aproximou-se da médium e, valendo-se dos recursos psíquicos disponíveis, falou aos companheiros nestes termos:

“Irmãos, o Senhor nos abençoe. Aprendamos a amar sem exigir, a servir por amor e a doar sempre, porque a convivência fraterna, necessária à tarefa de elevação que todos abraçamos, começa na renúncia pessoal e na compreensão que formos capazes de mobilizar em favor uns dos outros.”

E, após algumas considerações finais, o amigo espiritual despediu-se da equipe, deixando no ambiente vibrações de paz.

Encerrada a reunião, porém, o clima era de decepção.

“A mensagem foi muito pobre”, comentou um dos tarefeiros.

“Esperava revelações importantes”, acrescentou outro.

Na semana seguinte, a equipe voltou a reunir-se. Informado sobre o descontentamento do grupo, o elevado mentor manifestou-se outra vez, colocando-se à disposição dos companheiros para as indagações necessárias.

“Nobre amigo – disse um dos tarefeiros – a mensagem que nos trouxe é sem dúvida muito correta, mas esperávamos algo que nos acrescentasse os conhecimentos espirituais”.

E, depois de uma pausa, tornou:

“Não nos considera aptos a novos ensinamentos?”

O mentor postou-se com delicadeza e, após alguns instantes de reflexão, falou pela médium:

“Evidente que vossa capacidade está pronta a receber novos ensinamentos. Todavia, proponho uma coisa: se, durante uma semana, todos vocês praticarem, com sinceridade, os apontamentos contidos na mensagem anterior, então ficarei feliz em aqui retornar para novas revelações.”

A equipe entreolhou-se e ninguém falou mais nada.

01/12/94



Fonte:

LEVY, Clayton B. *Sublime Convite*. Págs. 53 - 54. EME Editora, 1998.

O Adolescente diante da Família

por Joanna de Angelis / Divaldo Franco

Incontestavelmente, o lar é o melhor educandário, o mais eficiente, porque as lições aí ministradas são vivas e impressionáveis, carregadas de emoção e força. A família, por isso mesmo, é o conjunto de seres que se unem pela consangüinidade para um empreendimento superior, no qual são investidos valores inestimáveis que se conjugam em prol dos resultados felizes que devem ser conseguidos ao largo dos anos, graças ao relacionamento entre pais e filhos, irmãos e parentes.

Nem sempre, porém, a família é constituída por Espíritos afins, afetivos, compreensivos e fraternos.

Na maioria das vezes a família é formada para auxiliar os equivocados a se recuperarem dos erros morais, a

são caracterizadas pelos conflitos que se apresentam desde cedo, nas animosidades entre os seus membros, nas disputas alucinadas, nos conflitos contínuos, nas revoltas sem descanso.

Amantes que se corromperam, e se abandonaram, renascem na condição de pais e filhos, a fim de alterarem um comportamento afetivo e sublimarem as aspirações; inimigos que se atiraram em duelos políticos, religiosos, afetivos, esgrimindo armas e ferindo-se, matando-se, retornam quase sempre na mesma consangüinidade, a fim de superarem as antipatias remanescentes; traidores de ontem agora se refugiam ao lado das vítimas para conseguirem o seu perdão, vestindo a indumentária do

grande equacionador dos desafios e das dificuldades.

Invariavelmente, por falta de estrutura espiritual e desconhecimento da Lei das reencarnações, as pessoas que se reencontram na família, quase sempre, dão vazão aos seus sentimentos e, ao invés de retificar os negativos, mais os fixam nos painéis do inconsciente, gerando novas aversões que complicam o quadro do relacionamento fraternal.

Às vezes, a afetividade como a animosidade são detectadas desde o período da gestação, predispondo os pais à aceitação ou à rejeição do ser em formação, que lhes ouve as expressões de carinho ou lhes sente as vibrações inamistosas, que se irão converter em conflitos psicológicos na infância e na adolescência, gerando distúrbios para toda a existência porvindoura.

Renasce-se, portanto, no lar, na família de que se tem necessidade, e nem sempre naquela que se gostaria ou que se merece, a fim de progredir e limar as imperfeições com o buril da fraternidade que a convivência propicia e dignifica.

Em razão disso, o adolescente experimenta na família esses choques emocionais ou se sente atraído pelas vibrações positivas, de acordo com os vínculos anteriores que mantém com o grupo no qual se encontra comprometido. Essa aceitação ou repulsão irá afetar de maneira muito significativa o seu comportamento atual, exigindo, quando negativa,

Nem sempre, porém, a família é constituída por Espíritos afins, afetivos, compreensivos e fraternos

repararem danos que forem causados em outras tentativas nas quais malograram.

Assim, pois, há famílias-bênção e famílias-provação. As primeiras são aquelas que reúnem os Espíritos que se identificam nos ideais do lar, na compreensão dos deveres, na busca do crescimento moral, beneficiando-se pela harmonia freqüente e pela fraternidade habitual. As outras

parentesco próximo, porque ninguém foge dos seus atos. Onde vai o ser, defronta-se com a sua realidade que se pode apresentar alterada, porém, no âmago, é ele próprio.

A família, desse modo, é o laboratório moral para as experiências da evolução, que caldeia os sentimentos e trabalha as emoções, proporcionando oportunidade de equilíbrio, desde que o amor seja aceito como o

terapia especializada e grande esforço do paciente, a fim de ajustar-se à sociedade, que lhe parecerá sempre um reflexo do que viveu no ninho doméstico,

A família equilibrada, isto é, estruturada com respeito e amor, é fundamental para uma sociedade justa e feliz. No entanto, a família começa quando os parceiros se resolvem unir sexualmente, amparados ou não pelo beneplácito das Leis que regem as Nações, respeitando-se mutuamente e compreendendo que, a partir do momento em que nascem os filhos, uma grande, profunda e significativa modificação se deverá dar na estrutura do relacionamento, que agora terá como meta a harmonia e a felicidade do grupo, longe do egoísmo e do interesse imediatista de cada qual.

Infelizmente, não é o que ocorre, e disso resulta uma sociedade juvenil desorganizada, revoltada, agressiva, desinteressada, cínica ou depressiva, deambulando pelos rumos torpes das drogas, da violência, do crime, do desvario sexual...

Os pais devem unir-se, mesmo quando em dificuldade no relacionamento pessoal, a fim de oferecerem segurança psicológica e física à progênie.

Essa tarefa desafiadora é de grande valia para o conjunto social, mas não tem sido exercida com a elevação que exige, em razão da imaturidade dos indivíduos que se buscam para os prazeres, nos quais há uma predominância marcante de egoísmo, com altas doses de insensatez, desamor e apatia de um pelo outro ser com quem se vive, quando as ocorrências não lhes parecem agradáveis ou interessantes.

Os divórcios e as separações, legais ou não, enxameiam, multiplicam-se

em altas estatísticas de indiferença pela família, produzindo as tristes gerações dos órfãos de pais vivos e desinteressados, agravando a economia moral da sociedade, que lhes sofre o dano do desequilíbrio crescente.

O adolescente, em um lar desajustado, naturalmente experimenta as conseqüências nefastas dos fenômenos de agressividade e luta que ali têm lugar, escondendo as próprias emoções ou dando-lhes largas nos vícios, a fim de sobreviver, carregado de amargura e asfixiado pelo desamor.

Apesar dessa situação, cabe ao adolescente em formação de personalidade, compreender a conjuntura na qual se encontra localizado, aceitando o desafio e compadecendo-se dos genitores e demais familiares envolvidos na luta infeliz, como sendo seres enfermos, que estão longe da cura ou se negam a terapia da transformação moral.

É, sem dúvida, o mais pesado desafio que enfrenta o jovem, pagar esse elevado ônus, que é entender aqueles que deveriam fazê-lo, ajudar aqueles que, mais velhos e, portanto, mais experientes, tinham por tarefa compreendê-lo e orientá-lo.

O lar é o grande formador do caráter do educando. Muitas vezes, no entanto, lares infelizes, nos quais as pugnas por nonadas se fazem cruentas e constantes, não chegam a perturbar adolescentes equilibrados, porque são Espíritos saudáveis e ali se encontram para resgatar, mas também para educar os pais, servir de exemplo para os irmãos e demais familiares. Não seja, pois, de estranhar, os exemplos históricos de homens e mulheres notáveis que nasceram em lares modestos, em meios agressivos, em famílias degeneradas, e superaram os limites, as dificuldades impostas,

conseguindo atingir as metas para as quais reencarnaram.

Quando o espírito da dignidade humana viger nos adultos, que se facultarão amadurecer os compromissos da progenitura, haverá uma mudança radical nas paisagens da família, iniciando-se a época da verdadeira fraternidade.

Quando o sexo for exercido com responsabilidade e não agressivamente, quando os indivíduos compreenderem que o prazer cobra um preço, e este, na união sexual, mesmo com os cuidados dos preservativos, é a fecundação, haverá uma mudança real no comportamento geral, abrindo espaço para a adolescência bem orientada na família em equilíbrio.

Seja, porém, qual for o lar no qual se encontre o adolescente, terá ele campo para a compreensão da fragilidade dos pais e dos irmãos, para avaliação dos seus méritos. Se não for compreendido ou amado, esforce-se para amar e compreender, tendo em vista que é devedor dos genitores, que poderiam haver interrompido a gravidez, e, no entanto, não o fizeram.

Assim, o adolescente tem, para com a família, uma dívida de carinho, mesmo quando essa não se dê conta do imenso débito que tem para com o jovem em formação. Nesse tentame, o de compreender e desculpar, orando, o adolescente contará com o auxílio divino que nunca falta e a proteção dos seus Guias Espirituais, que são responsáveis pela sua nova experiência reencarnatória.

Fonte:

ANGELIS, Joanna de. FRANCO, Divaldo. *Adolescência e Vida*. LEAL, Salvador/BA.

Prece

telefone para o Além

por Therezinha Oliveira



Por que não oramos?

Alguém que não conhecia o telefone, dele ouviu falar maravilhas, como ensejava ligação a distância, com quem se desejasse comunicar. Entusiasmado, tentou ligar, mas não sabia como proceder, que havia números a acionar e era preciso saber o número do telefone com que se pretendia falar. Conseqüentemente, a ligação não se fez, nada ouviu, ninguém respondeu. Então, desacreditou de que o telefone funcionasse.

Também nos falaram uma dia de um “telefone para o além”, um meio de comunicação com o “reino dos céus”, que faz a ligação com Deus e o mundo espiritual: a prece, a oração. Por que não o estamos usando? Por que não guardamos o hábito de orar?

Talvez tenhamos tentado e não conseguimos os efeitos, os resultados, anunciados e prometidos. Sem a certeza de que a prece funcione, não nos sentimos mais motivados a orar, a usar esse telefone. Se assim for, que manancial de bênçãos estamos perdendo, com esse nosso desencanto!

Vale a pena revisarmos a questão: que é a oração? para que serve? como funciona?

A chamada é nossa

Não é nada difícil nem complicado estabelecer a comunicação com o mundo invisível. Qualquer pessoa pode fazer isso. Crianças, jovens e velhos, ricos e pobres, bons e maus, sãos e enfermos, sábios e ignorantes, todos podem orar.

Basta ter a vontade de fazer uma abertura, para a comunicação com o plano invisível. Na prece, pois, a chamada é nossa, nós é que promovemos a ligação buscando o plano espiritual superior.

Mas, com que propósito vamos fazer soar a chamada do “telefone para o além”?

Para que orar?

Pode ser para pedir, agradecer ou louvar.

Pedir o que sabemos que precisamos e Deus poderá nos atender, pois Ele tudo pode e “*toda boa dádiva vem do Alto*”.

Agradecer, quando nos damos conta de que houve atendimento para o nosso pedido. Por exemplo, ao nos sentirmos aliviados e fortalecidos, após receber um passe.

Louvar, numa expansão espontânea e sincera de nossa alma, ante as

manifestações da sabedoria, bondade e poder divinos, quando, na obra da Criação, sentimos, entendemos, reconhecemos que algo é bom, belo, útil, sabiamente providencial e cheio de misericórdia!

Orar seria desnecessário?

Afirmam alguns que sim, seria desnecessário, pois Deus não precisa de nossos louvores ou agradecimentos. Mas precisamos nós dar expansão aos nossos sentimentos, comunicarmo-nos com o Pai e Ele, certamente, se interessa pelos sentimentos de suas criaturas.

Argumentam outros que orar é ▶

também inútil para expor a Deus as nossas necessidades, pois Ele já as conhece, já que tudo sabe. Entretanto, nossa é a necessidade de contar, explicar problemas e anseios. Àquele que é capaz de nos entender, amigo fiel para ouvir e não nos trair nem passar adiante.

E ainda há quem diga que orar não adianta, porque no Universo tudo se encadeia por imutáveis

leis naturais e nossas súplicas não podem mudar os decretos de Deus. Ainda bem que há leis naturais e imutáveis, que não podem ser derogadas ao capricho de qualquer um. Se bastasse pedir para obter, poderíamos ter o caos, ante tantos pedidos infantis, mesquinhos, até perversos, injustos, contraditórios uns aos outros.

Não, não pensamos mudar com a prece os decretos de Deus, seria

impossível! Mas as circunstâncias da vida não são todas submetidas à fatalidade de sempre, e a nós espíritos, encarnados ou não, Deus deu inteligência, sentimento, capacidade de ação, vontade livre. Para ficarem sem uso, sem serventia? Certamente, foi para que ajamos. Podemos, pois, ter iniciativas e provocar efeitos no universo. Com isso não “quebramos” a harmonia da vida universal, apenas somos um dos seus agentes, uma das forças já previstas por Deus.

A oração é uma das iniciativas que o espírito pode tomar e, se o faz e o que objetivar estiver dentro das leis divinas, obterá o efeito buscado. Simbolicamente, diremos que Deus terá “concordado” com o pedido, “acedido” a ele, sem que, por isso, se altere ou perturbe a imutabilidade das leis que regem o conjunto. Não se mudaram os decretos de Deus, mas se agiu dentro deles. Se o espírito não buscar, não agir, não orar, teria sido possível mas a lei não foi acionada. Estimulava-nos Jesus: *Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á.* (Mt. 7:7)

Como a oração funciona

Orar! É uma das formas de nos comunicarmos com o Além, de nos ligarmos ao plano invisível e movimentarmos leis da vida no campo espiritual, pensamento e vontade, agindo, através do fluido universal, em que tudo e todos estamos mergulhados. É ligar nossa tomada individual às correntes da energia universal. E Deus nos responde, através das leis acionadas ou por meio de suas criaturas.

Talvez possamos idealizar, no ▶

Orar! É uma das formas de nos comunicarmos com o Além, de nos ligarmos ao plano invisível



plano espiritual, como que um painel semelhante ao das nossas telefonistas, registrando em impulsos luminosos as comunicações e apelos vindos do plano terreno.

Quando os bons espíritos atendem nossas preces, agem conforme a evolução que possuem (que Deus lhes concedeu alcançassem) e dentro do que é permitido pelas leis universais. Agem como instrumentos de Deus e seus mensageiros, cumprem e executam, apenas, a vontade do Criador.

Os limites da oração

A prece não pode:

- **mudar a natureza de nossas provas ou o curso delas** (*O Livro dos Espíritos*, 663), pois há leis a respeitar, conseqüências a enfrentar, situações a suportar;

- **esconder faltas ou deixá-las impunes** (*O Livros dos Espíritos*, 661). Perdão como anulação de qualquer efeito do mal não existe na lei divina, já que toda ação produz uma reação.

Os efeitos do mal que se fez somente se anulam quando fazemos o bem, recompondo, reequilibrando tudo.

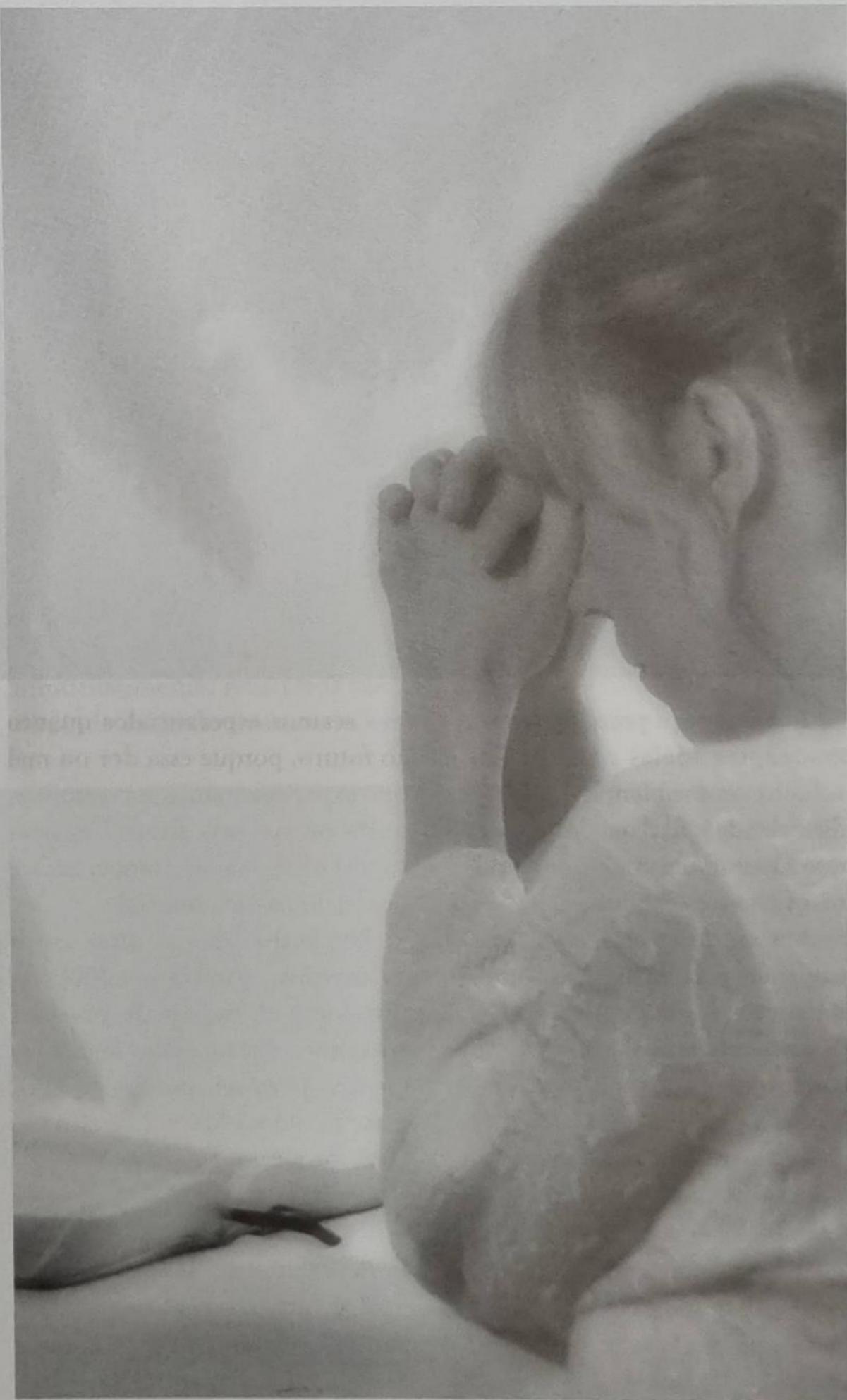
O verdadeiro perdão se obtém quando mudamos de proceder e reparamos o mal que tenhamos praticado.

O que a prece pode. Quando sinceras promove:

- **a reflexão quanto ao problema**, mas em correto posicionamento espiritual, dentro do sentido cristão.

- **a atração de bons espíritos e diálogo telepático com eles**, ajudando-nos a refletir.

O verdadeiro perdão se obtém quando mudamos de proceder e reparamos o mal que tenhamos praticado





Então, com a prece podemos:

- **captar idéias** que ajudam a solucionar problemas, a sair das dificuldades. Esclarece Emmanuel que Deus tem estradas onde o homem não tem caminhos.

Mas o esforço de agir na direção indicada pela inspiração terá de ser nosso. Ao homem perdido no deserto, um rumo lhe será sugerido; caminhar nesse rumo e salvar-se, caberá a ele.

- **aumentar nossas forças**, com os fluidos bons, vitalizantes que receber e os encorajamentos para o que tivermos de fazer e mudar.

- **receber conforto e resignação** para o que não puder ser mudado e tivermos de suportar.

- **sermos esperançados quanto** ao futuro, porque essa dor ou mal que experimentamos irá terminar, nesta ou na vida futura, e, bem suportados, trarão compensação, benefício na vida imortal.

Por tudo isso, o que, antes de orarmos, parecia insolúvel ou insuportável, depois de orarmos encontra solução, ou ao menos, se torna suportável, porque ficamos mais esclarecidos a respeito ou mais fortalecidos para enfrentar e vencer.

A prece intercessória

É a que serve para ajudar a outros. Quando oramos em favor de alguém:

- os pensamentos e sentimentos que emitimos animam e confortam a pessoa, convidando à modificação para melhor; e os fluidos que emanamos a fortalecem, acalmam e curam. *A oração da fé salvará o enfermo.* (Tiago 5:14/15)

- atraímos o concurso de bons espíritos para ajudá-la.

Assim, podemos orar também pelos desencarnados, pois *Deus não é Deus de mortos mas de vivos, porque para Ele, todos vivem.* (Mt 22:32)

A vida continua além do túmulo e não há condenação eterna, para ninguém.

Para os espíritos em situação difícil no Além, o interesse amigo da prece alivia, dá esperança, faz

arrepende e desejar o bem. Isto pode suavizar a pena, encurtá-la e atrair bons espíritos para ajudar aquele que se mostrar propenso à recuperação.

Ao orar pelos desencarnados não estamos derogando leis divinas mas executando a maior delas, o *amai-vos uns aos outros*, a lei da caridade, que é o amor em ação.

Natureza e forma da oração

Muitos foram os ensinamentos de Jesus sobre a oração registrados nos evangelhos.

No Sermão da Montanha (Mt 6:5): *Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa.*

A ligação que vamos estabelecer é entre nós e Deus ou seus emissários, uma relação toda íntima, de pensamento, sentimento e vontade.

Deve ser feita com sinceridade e simplicidade, não cabendo ostentação, encenação, nem precisando de posturas ou gestos especiais.

Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em secreto, e teu Pai, que vê nos lugares ocultos, recompensar-te-á. (Mt 6:6)

Quarto, no caso, não é um espaço fi-

sico especial, pois, como orariam os desabrigados, os "sem-teto"? A prece não depende de lugar exterior. Para nós, encarnados, o corpo é o aposento da nossa alma. Para orar, fechemos as portas dos sentidos, fazendo recolhimento interior.

Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos, que julgam que serão ouvidos à força de

em altas vozes, que Ele também não é surdo.

A prece deve ser *clara, simples, concisa. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma idéia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: deve fazer refletir (...) de outro modo, não passa de ruído, ensina Allan Kardec.*

Ao orar pelos desencarnados não estamos derogando leis divinas mas executando a maior delas, o *amai-vos uns aos outros*

palavras. Não os imiteis, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçaís. (Mt 6:7/8)

Não que deixemos de pedir, porque Deus já sabe, mas oremos em poucas palavras, sem repetições inúteis. Não é preciso explicar tudo minuciosamente, pois Deus não é tardo de entendimento, nem orar

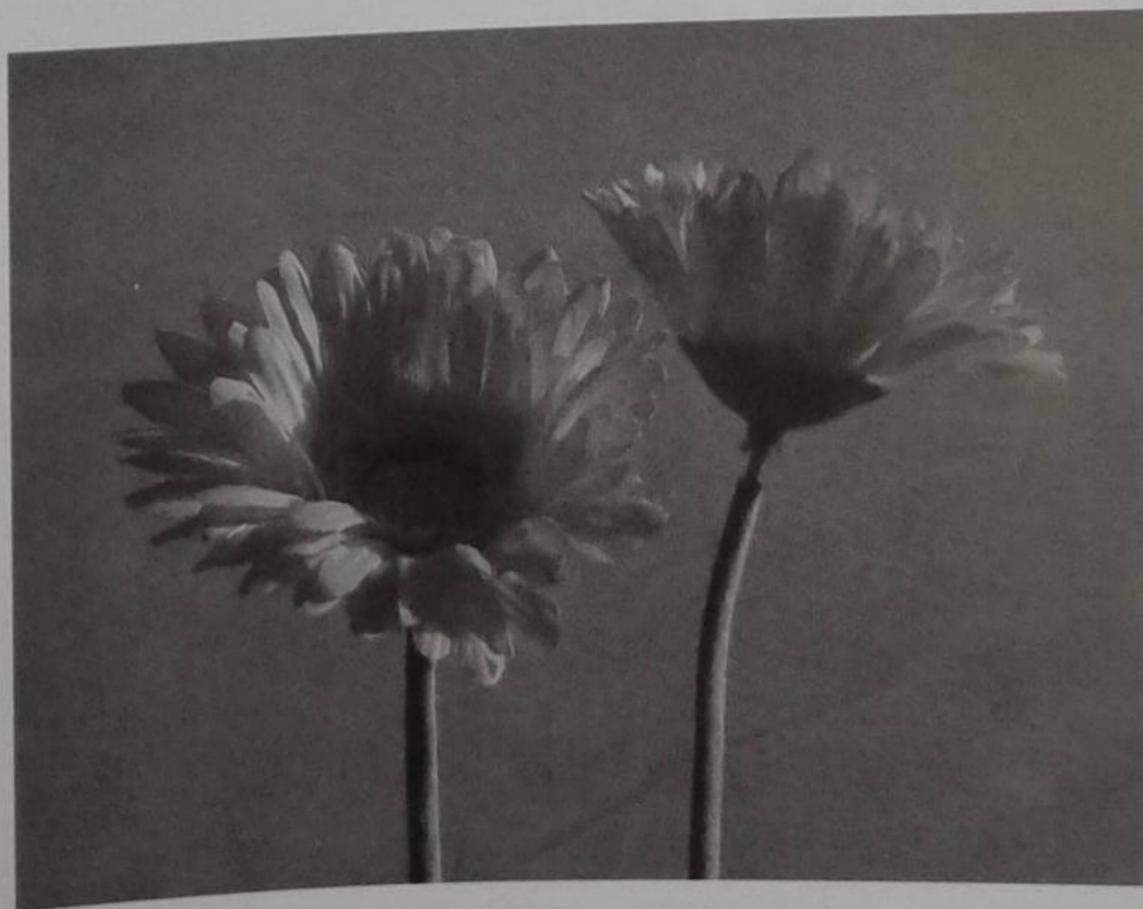
Haverá fórmulas especialmente eficazes para a oração?

Os bons espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces. As que ensinam no capítulo XXVIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, visam apenas:

- Auxiliar os que sentem embaraço para externar suas próprias idéias e chegam a acreditar que não oram por não haverem formulado seu pensamentos.

- Fixar idéias e, sobretudo, chamar atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita, como a apreciada "Prece de Cáritas"

Jesus nos ensinou a orar com humildade, quan-



do contou a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:10/14).

Um fariseu orava orgulhosamente, achando-se mais correto e melhor do que os outros homens, nada pediu e, também, nada recebeu, enquanto um publicano, orando com humildade e pedindo a clemência divina, obteve o amparo de que precisava para prosseguir na vida.

Também nos aconselhou a orar sem guardar ressentimento contra alguém, sem alimentar mágoas nem desejos de vingança.

Mas, quando estiverdes em pé para orar, perdoai, se tiverdes algum ressentimento contra alguém, para que também vosso Pai que está nos Céus vos perdoe os vossos pecados. (Mc 11:25/26)

E a procurarmos, antes, a reconciliação com aqueles a quem

prejudicamos ou ferimos.

Se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; só então vem fazer a tua oferta. (Mt 5:23/24)

Entendemos, assim, que, para a oração chegar a Deus e alcançar “graça” perante Ele, quem ora precisa fazê-lo dentro do sentimento e de justiça e amor.

No livro *Entre a Terra e o Céu*, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier, aprendemos que existe a prece refratada. Conforme esclarece Clarêncio para Hilário, é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro ▶

Também nos aconselhou a orar sem guardar ressentimento contra alguém, sem alimentar mágoas nem desejos de vingança



objetivo. E lemos que Etelvina orava para sua mãe desencarnada mas esta não estava em condições de atender. A prece varou os círculos inferiores e foi alcançar apoio de outro modo.

O que faz a prece ser atendida

O atendimento do que se pede em oração obedece a critérios de **necessidade** e de **merecimento**.

Como são numerosos os nossos pedidos a Deus, a Jesus e aos que chamamos de santos! São muitos e até costumam se sobrepor uns aos outros, como os que as crianças fazem a seus pais.

Mas para que o atendimento se torne possível, há que vencer a inércia das criaturas ou superar dificuldades.

Então, a sabedoria divina estabelece um processo natural de seleção prévia, que testa o grau de necessidade do pedido; se a necessidade for grande, se a questão for importante e premente, a solicitação será repetida insistentemente.

Assim, um primeiro requisito para o atendimento é a **persistência**, certa energia e persistência na oração, a fim de superar os obstáculos. É o que Jesus aconselha na parábola do amigo importuno (Lc 11:5/13).

Quanto ao merecimento, diz Jesus na parábola do juiz iníquo que, apesar de ele não temer a Deus nem respeitar os homens, atendeu à viúva pela insistência dela em pedir, concluindo: *E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?*

No caso, os escolhidos não o

são por privilégio espúrio mas pelo merecimento de ser uma boa pessoa de praticar o bem. Suas qualidades e ações é o que os tornam escolhidos.

E o pedido terá de ser justo, algo possível, benéfico, oportuno.

Jesus assegura que, mesmo que pareça demorar, o pedido justo e reiterado de quem tem merecimento acabará por ser atendido.

Por isso é instintivo pedirmos preces aos que consideramos bondosos. Eles oram com fervor e confiança, têm sentimento de verdadeira piedade e merecimento.

que não sabemos pedir como convém.

Quantas vezes pedimos o que não devemos! Então, não nos é dado ou, se obtemos, arcamos com a responsabilidade do que foi pedido.

Maria Dolores, através de Francisco C. Xavier, escreve: *Agradeço, meu Deus, quando me dizes "não" com teu amor, e sempre que te rogue o que não deva, não me atendas, Senhor!...* (Em Antologia da Espiritualidade).

Quando os discípulos pediram a Jesus: *"Ensina-nos a orar"*, o mestre, com o "Pai Nosso" nos orientou a pedirmos do que é material somen-

O atendimento do que se pede em oração obedece a critérios de necessidade e de merecimento

O homem vicioso e mau ora de lábios, não tem ímpeto de caridade, nem fervor ou confiança.

Mas, se o homem imperfeito orar com humildade, sua prece é válida, pois os bons espíritos querem incentivar a fagulha de bem que nele se mostra.

Procuremos, pois:

- adquirir créditos, merecimentos espirituais para lastro de nossas preces, com boas obras e atitudes cristãs;

- usemos bem o que já tivermos, o que pedimos e já recebemos, testemunhando sermos dignos de atendimento.

Saber pedir

Disse Paulo (Romanos 8:26/27) que: *O Espírito intercede por nós, por-*

te o indispensável e muito mais do que é espiritual, e sempre subordinado à vontade de Deus.

E, quando no horto, em momento de grande dificuldade, orou assim: *Pai, todas as coisas te são possíveis, afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero mas o que tu queres* (Mc 14:36), exemplificando que nosso pedido deve ser sempre subordinado à vontade de Deus, que sabe mais e ama melhor do que nós.

Aos que lhe fizerem pedido justo, necessário e apoiado no merecimento, Deus dará *boas dádivas* (Mt 7:11) e *um bom espírito* (Lc 11:13).

Há muitas orações válidas, aceitáveis. Nem sempre as temos feito, mas teriam sido atendidas, como nas situações a seguir. ▶

Oremos quanto ao que pode vir de nós mesmos

Vigiai e orai, para não cairdes em tentação, recomendação de Jesus registrada nos evangelhos.

Mas costumamos orar só depois de errar. Se o fizermos antes, sairemos de nosso ponto de vista, anali-

saremos nossa vida e propósitos, e impulsos, à luz da imortalidade, da justiça e da fraternidade.

Conseqüiremos esclarecer dúvidas, suavizar dores, resolver problemas, evitaremos males que estivermos a ponto de praticar.

Bons espíritos não afastam o mal

que nos serve de prova ou aprendizado, mas nos ajudam a pensar. Se formos dóceis, orientados por eles nos afastaremos do erro, não infringiremos as leis divinas.

Oremos quanto ao que possa vir de fora

Não oremos somente por nós mesmos. Lembremos Francisco de Assis: É dando que recebemos



Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado. (Mt 21:20)

Há situações prejudiciais ainda não definidas que poderão ser causadas por forças externas alheias à nossa vontade, e talvez possamos modificar e influir antes, orando.

Assim são as orações pela paz mundial, pelos governantes, pelo curso de nossa vida.

Orai pelos que vos perseguem e vos maltratam

Eis outro tipo de oração que podemos fazer com êxito. A oração pelos desafetos exerce influência fluídica e telepática, um efeito reparador e solvente da animosidade, que ajuda a conciliação. Nos casos em que ainda não há ensejo de reconciliação, prepara caminho e evita que os problemas piorem.

Não oremos somente por nós mesmos. Lembremos Francisco de Assis: *É dando que recebemos*. Ou os pequenos poemas da médium Dolores Bacellar, no livro *Rosa Imortal*:

Egoísmo

Oras apenas por ti?

Sim, unicamente.

És atendido? Não.

Falta-te algo? Tudo.

Altruísmo

E tu, por quem oras?

Pelo próximo.

Que te falta? Nada.

Ore por mim!, pede alguém. Podemos orar uns pelos outros, mas a oração intercessória não substitui o esforço próprio de cada um.

Oremos!

Como Jesus, oremos. Sempre, incessantemente. Na solidão ou em companhia de amigos. Nos campos, pelas ruas, nas casas. De noite e de dia. Para pedir, agradecer e louvar.

Sem interromper trabalhos, antes santificando-os, como Confúcio afirmava: *A prece do dia é o cumprimento dos deveres. A minha vida é a minha oração.*

Ou como recomenda Tiago (5:13): *Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores.*

Prece! Um ato de amor

Assistindo aos necessitados moral ou fisicamente, estamos realizando prece de amor a Deus e ao próximo.

Um ato de contrição

A cada deslize confessemos ao Pai: Errei, perdoai-me, dai-me forças para não falir de novo e coragem para reparar a minha falta.

Um ato de reconhecimento

Lembremos de agradecer a Deus por um acidente evitado, pela felicidade que nos visita, ou mesmo pela dor ou dificuldade que nos controla e corrige.

Não renunciemos à prece. Seria negar a bondade de Deus e recusar a nós mesmos a sua assistência, abrir mão do bem que podemos com ela fazer a outros.

E, quando quisermos que a ação da prece seja ainda mais poderosa, oremos em grupo, associados todos de coração a um mesmo pensamento e num mesmo objetivo. ♦

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Na Luz da Meditação*. Págs. 45 - 61. Editora Allan Kardec.

A Dor

por Vinicius

Será a dor um bem? Será um mal? Se é um bem, porque a consideramos como - indesejável? - Se é um mal, porque Deus fez dela um patrimônio comum da Humanidade? Será a dor punição ou castigo? Então como se explica atinja ela os bons e de sua influência não escapem os justos? De outra sorte, como se entende que a vida dos maus, senão

sempre, muitas vezes transcorra menos árida e penosa que a dos que procuram viver segundo a justiça?

A dor será, então, um problema complexo, de solução difícil, inacessível às inteligências vulgares? Não devemos buscar o seu "porquê"? Cumpre que a ela nos submetamos, premidos pelas circunstâncias, como vítimas indefesas? Diante da dor, qual a atitude a assumir, de

revolta ou de submissão incondicional e passiva?

Descobre-se facilmente a incógnita da dor através da seguinte parábola de Jesus:

"Um homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi buscar fruto nela, e não o encontrou. Então, disse ao viticultor: Faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira, e não acho; corta-a, para que está ela ainda ocupando a terra inutilmente? Respondeu-lhe: Senhor, deixa-a mais este ano, até que eu cave em roda e lhe deite adubo; e se der fruto no futuro, bem está; mas, senão, cortá-la-ás."

Eis aí como se faz luz sobre o caso. Aquilo que nos parecia tão complicado, torna-se perfeitamente claro.

A dor é uma necessidade em orbes como este onde nos encontramos. Ela é, na vida do Espírito, o que o fertilizante é na vida da planta. Os homens, como as árvores, não devem ocupar neste mundo um lugar inutilmente. É da lei que as árvores e homens produzam frutos, cada um segundo sua espécie e natureza. Quando a árvore se torna estéril, o agricultor recorre aos processos aconselhados ao caso: abre sulcos em volta do seu tronco e aduba a terra ao redor. Quando o espírito estaciona na senda da evolução, mostrando-se negligente ▶

Faz três anos que venho procurar fruto nesta figueira, e não acho; corta-a



e relapso no dever que lhe assiste de produzir frutos de aperfeiçoamento moral e de desenvolvimento intelectual, vem o aguilhão da dor despertá-lo. É assim que os abúlicos, os comodistas impenitentes, os preguiçosos e os cínicos são chamados a postos e forçados a assumirem atitudes definidas e positivas nas lutas da vida.

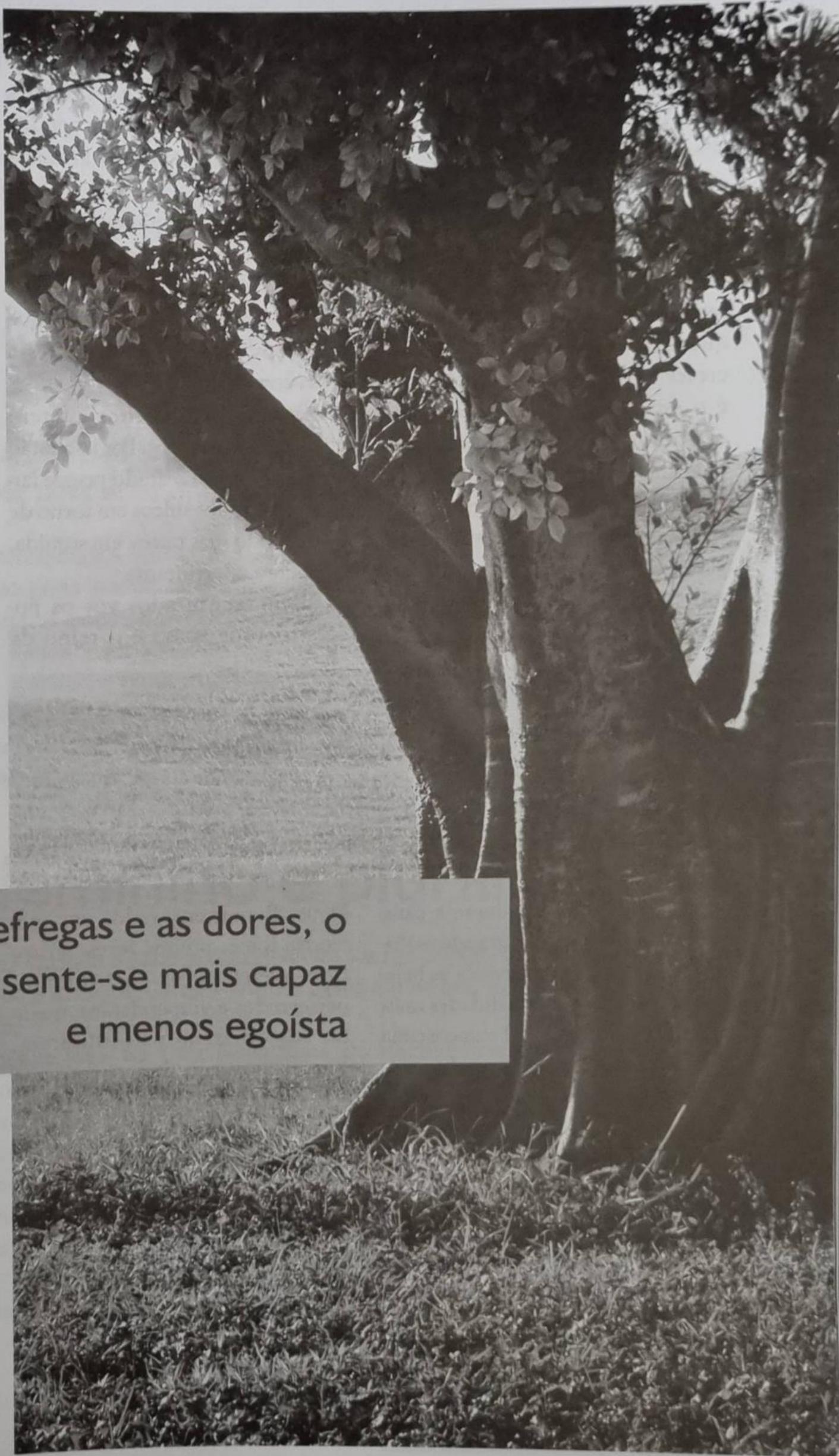
A Humanidade terrena é composta de elementos retardatários. Daí se explica porque a dor é patrimônio comum a todos os homens. As lutas, as dificuldades e o sofrimento nos assediam por todos os lados e nos salteiam a cada passo no carreiro da presente existência. Debalde procuramos fugir às suas investidas. O momento chega em que nos vemos forçados a enfrentar obstáculos e a resolvê-los; a aceitar as lutas e a vencê-las; a encarar a dor face a face e suportá-la.

E de tudo isso resulta um bem. Após as refregas e as dores, o Espírito sente-se mais capaz e menos

Após as refregas e as dores, o Espírito sente-se mais capaz e menos egoísta

egoísta, mais corajoso e menos indolente. Ao concurso da dor devemos, pois, grande parte do nosso progresso intelectual e moral.

A dor física, determinando sensações desagradáveis e penosas, põe cobro aos desmandos da intemperança, às bacanais e a todos os arrastamentos da animalidade a que os homens nos entregamos na satisfação insaciável dos sentidos. Em



busca da saúde perdida, vemo-nos na necessidade de submeter-nos às leis da higiene, cujos preceitos são mandamentos divinos. Começa aí a obra da nossa espiritualização.

A dor moral gera sentimentos que fazem aflorar nos corações as mais belas virtudes ao lado das mais puras e santas emoções. É pelo sentimento que o germen de tudo que é bom e de tudo que é belo cresce e frutifica. O sentimento é o esplendor da centelha divina que anima e vivifica o espírito, ou, para melhor dizer, é a essência do próprio espírito. A dor moral é o sopro que desperta os sentimentos como a aragem ressuscita a brasa amortecida sob espessa camada de cinza.

consolação, porque atrai a graça divina, esse bálsamo que mitiga e suaviza todas as agruras e tormentos, fazendo despontar a aurora bendita de esperança nas almas aflitas e sobrecarregadas.

“Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós, os que agora estais fartos! Porque tereis fome. Ai de vós que sois ricos! Porque já recebestes a vossa consolação.”

Estes são as figueiras estéreis: não produzem frutos. Por isso estão reclamando que o arado rasgue largos e profundos sulcos em torno de si, abalando suas raízes; em seguida, receberão o fertilizante.

“Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de

planeta Terra é o grande cenário onde os espíritos vêm exercitar suas atividades e experimentar suas possibilidades. As encarnações são oportunidades concedidas para tal finalidade.

A vitória ou a derrota tracejará as linhas do porvir que além os aguarda.

A dor é o aguilhão que os impele à arena do combate. Aqueles que menosprezam ou malbaratam a ocasião favorável, que lhes é concedida, lamentarão amargamente o tempo perdido. A dor os espreita e, como efeito de uma causa adrede criada, sobre eles recairá inexoravelmente até que os conduza à senda da vida cujo senso máximo é o progresso sob todos os prismas e aspectos.

E assim a dor se define, não como o objeto ou a finalidade da vida, mas como o meio que conduz os espíritos àquele objeto e àquela finalidade. ♦

Riqueza e pobreza, rigor e debilidade – são provações

O homem assemelha-se à cana de açúcar. Através dos grandes sofrimentos é que ele nos revela as belezas ocultas e as suas qualidades mais nobres e excelentes, tal como a cana que só esmagada e triturada entre os impiedosos cilindros da moenda é que nos fornece o seu delicioso sumo repassado de incomparável doçura. Daí porque sofrem todos neste mundo: os injustos para que se regenerem, e os justos e os santos para que melhor se justifiquem e se santifiquem.

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” A dor, suportada com valor e paciência, encerra em si mesma a

Deus. Bem-aventurados vós que tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados sois quando perseguidos e vilipendiados; quando vos odiarem o hostilizarem. Regozijai-vos e exultai: pois grande será o vosso galardão.” Estes são as figueiras sob a influência do fertilizante: já estão produzindo frutos sazoados.

Riqueza e pobreza, rigor e debilidade – são provações. O rico há-de dar conta de sua riqueza, como o pobre há-de responder acerca da maneira porque se houve na sua pobreza. O forte dirá que uso fez da sua fortaleza, e o débil como se portou em suas enfermidades. O

Fonte:

VINÍCIUS, Em Tomo do Mestre. Págs. 63 - 66. Feb.

Meio pode ficar invariável...

por Eduardo Martins



Qual é a forma correta: *Ela está **meio** adoentada* ou *ela está **meia** adoentada*? Para não errar, você deve dizer que ela está **meio** adoentada.

Lembre-se bem: quando corresponde a mais ou menos, um pouco, um tanto, a palavra **meio** não varia, por ser advérbio, categoria gramatical que não tem feminino nem plural. Portanto, não receie em escrever ou dizer: *A moça estava **meio** (e não “meia”) assustada. / As portas ficavam sempre **meio** (e não “meias”) abertas. / Os meninos estavam **meio** (e não “meios”) encobertos pela folhagem.*

Veja que você pode substituir essas formas pelos seus equivalentes. Assim:

*A moça estava **mais ou menos** assustada. / As portas ficavam sempre **um pouco** abertas. / Os meninos estavam **um tanto** encobertos pela folhagem.*

... ou ter feminino e plural

Bem, e quando **meio** varia? Quando a palavra é substantivo (os fins e os meios, os meios de comunicação, etc.), adjetivo e numeral. Os dois últimos casos são os que se assemelham ao **meio** usado como advérbio.

Repare, porém, na diferença: o **meio** advérbio acompanha um adjetivo (exemplos: meio feio, meio evidente, meio incompleto) e o **meio** adjetivo ou numeral modifica um substantivo. Assim: *meia dúzia* (atenção: sem hífen), *meia cabeça*, *meia linha*, *duas meias porções*, *meias garrafas*, *meios-termos*, *meias-palavras*, *meio-irmão*, *meias-irmãs*.

Repare que todos esses casos expressam uma idéia de coisa incompleta ou de metade, sentidos que a palavra **meio** adquire como adjetivo ou numeral.

Por isso também você deve dizer *meio-dia* e *meia*, porque se trata de *meio-dia* e *meia* (hora). Portanto, a forma *meio-dia* e “meio” está errada: afinal, não se trata de *meio-dia* e *mais outro meio dia*, mas de *meio-dia* mais *meia hora*.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 15. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Indicação de Pedro

“Aparta-se do mal, e faça o bem; busque a paz, e siga-a – Pedro (I Pedro, 3:11.)

A indicação do grande apóstolo, para que tenhamos dias felizes, parece extremamente simples pelo reduzido número de palavras, mas revela um campo imenso de obrigações.

Não é fácil apartar-se do mal, consubstanciado os desvios inúmeros de nossa alma através de consecutivas reencarnações, e é muito difícil praticar o bem, dentro das nocivas paixões pessoais que nos empolgam a personalidade, cabendo-nos ainda reconhecer que, se nos conservarmos envolvidos na túnica pesada de nossos velhos caprichos, é impossível buscar a paz e segui-la.

Cegaram-nos males numerosos, aos quais nos inclinamos nas sendas evolutivas, e acostumados ao exclusivismo e ao atrito inútil, no desperdício de energias sagradas, ignoramos como procurar a tranqüilidade consoladora. Esta é a situação real da maioria dos encarnados e de grande parte dos desencarnados que se acomodam aos círculos do homem, porque a morte física não soluciona problemas que condizem com o foro íntimo de cada um.

A palavra de Pedro, desse modo, vale por desafio generoso.

Nosso esforço deve convergir para a grande realização.

Dilacere-se-nos o ideal ou fira-se-nos a alma, apartemo-nos do mal e pratiquemos o bem possível, identifiquemos a verdadeira paz e sigamo-la. E tão logo alcancemos as primeiras expressões do sublime serviço, referente à própria edificação, lembremo-nos de que não basta evitar o mal e sim nos afastarmos dele, semeando sempre o bem e, que não vale tão-somente desejar a paz, mas buscá-la e segui-la com toda a persistência de nossa fé.



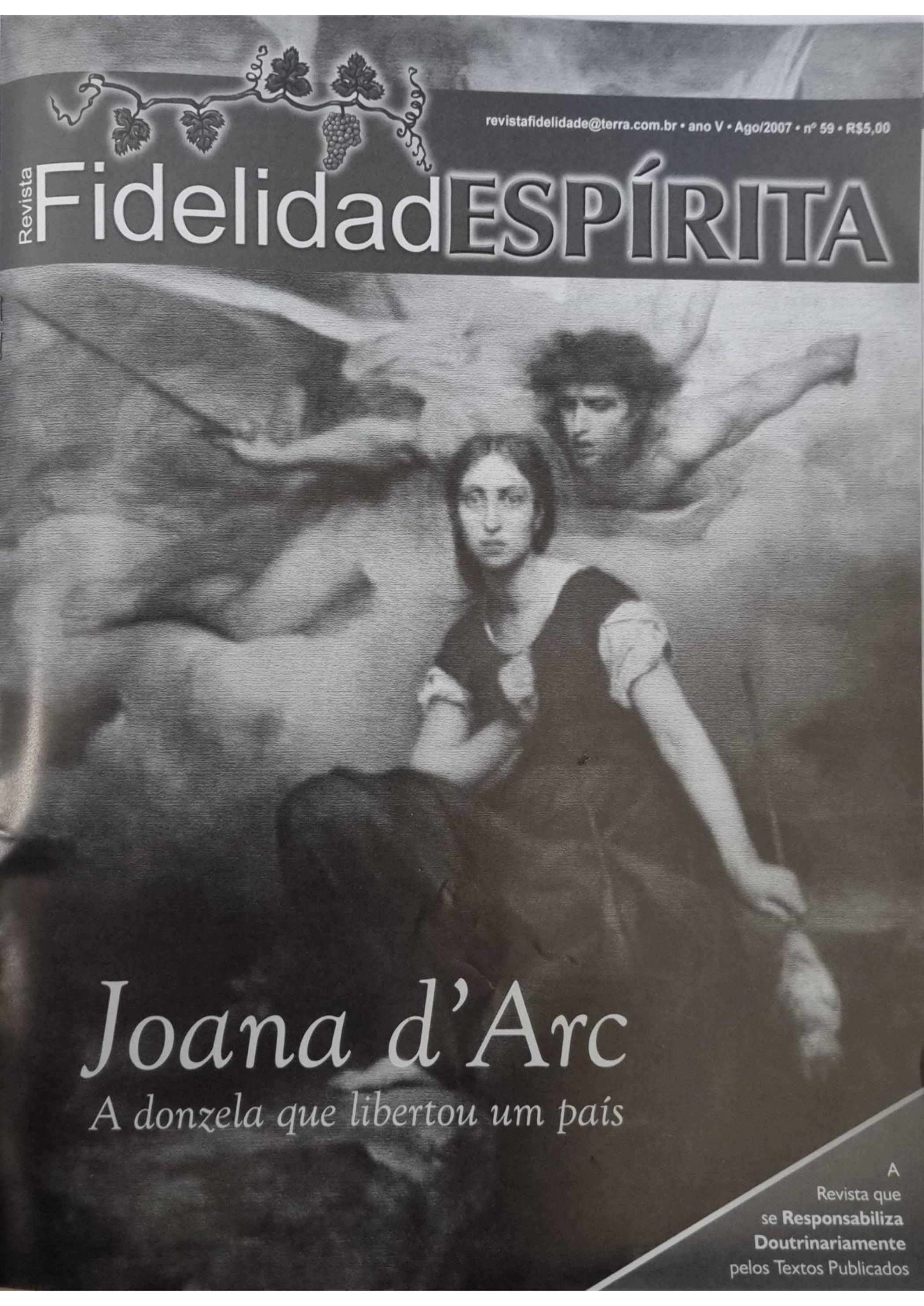
Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz



revistafidelidade@terra.com.br • ano V • Ago/2007 • nº 59 • R\$5,00

Revista

FidelidadESPÍRITA



Joana d'Arc

A donzela que libertou um país

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

32 REFLEXÃO

MÃOS AMIGAS NO TRABALHO ESPIRITUAL
Wantuil sempre ao lado de Chico

34 MENSAGEM

DEUS, JUSTIÇA, EVLUÇÃO
As leis divinas sempre se cumprem

36 MEDIUNIDADE

UM POUCO DE RACIOCÍNIO
Por que ocorriam fenômenos nas primeiras
manifestações espíritas?

39 ESTUDO

A LEI DE CAUSA E EFEITO
O Universo é obra da Inteligência Suprema

42 CAPA

JOANA D'ARCA -
A DONZELA QUE LIBERTOU UM PAÍS

48 ENSINAMENTO

PENSAMENTO E MEDIUNIDADE
Nossa alma vive onde se lhe situa o coração

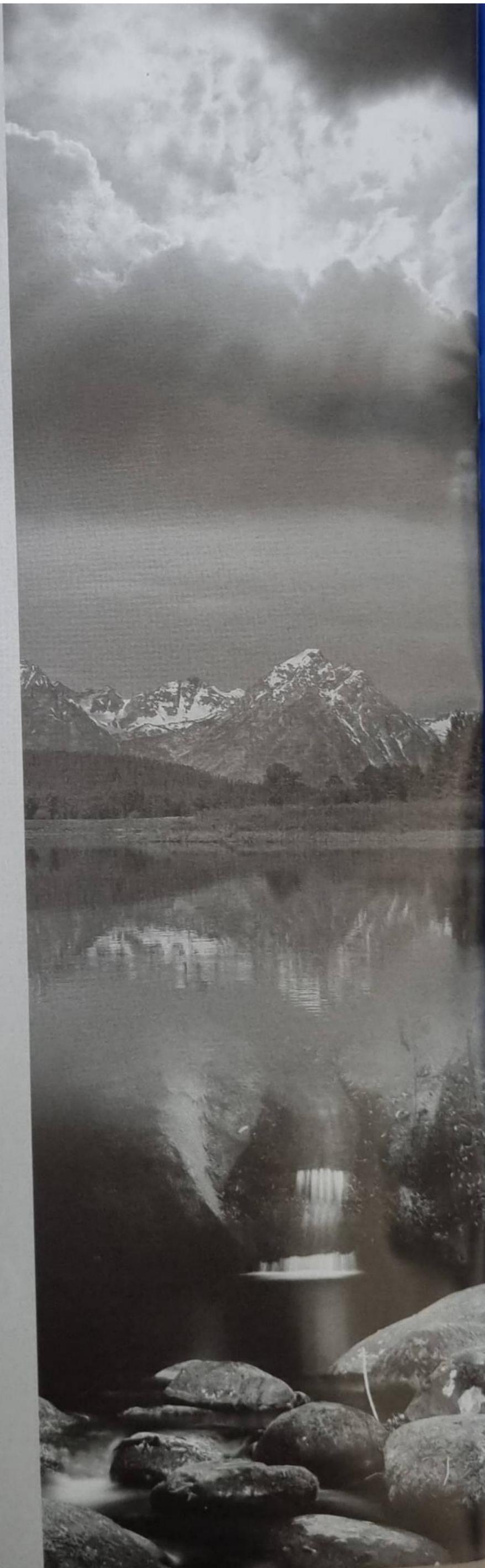
52 HOMENAGEM

TRIBUTO DE GRATIDÃO A DIVALDO FRANCO E CHICO XAVIER
Nossos dois grandes médiuns e seus trabalhos

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentorevistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Zilda Nascimento

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Muitos companheiros apóiam-se na tese da inconsciência sonambúlica para justificar o comportamento inadequado de médiuns nas sessões de intercâmbio.

Acreditam que, por conseguirem desprender-se com maior facilidade no momento do transe, determinados intermediários estariam impossibilitados de exercer qualquer tipo de controle sobre as entidades comunicantes.

Entretanto, não se pode confundir inconsciência com indisciplina, porque, em mediunidade, sonambulismo não é sinônimo de ausência.

O médium, sem exceções, jamais se anula por completo. Conceder maior liberdade de expressão aos desencarnados não significa abandoná-los ao próprio desequilíbrio.

Um pai cuidadoso, ao levar o filho enfermo ao médico, saberá mantê-lo sob sua afetuosa autoridade moral. Não o impedirá de queixar-se ou chorar, mas também não permitirá que perturbe o local com atitudes inconvenientes.

Na mediunidade chamada sonambúlica a situação é semelhante.

Embora provisoriamente desligado do campo sensorio, o médium participa do fenômeno através das qualidades morais que abriga em si.

Especialmente, no atendimento a entidades perturbadas, quanto maior a autoridade moral do médium, maior o domínio magnético exercido sobre o espírito comunicante.

O fato de, muitas vezes não ter retido no cérebro as lembranças relacionadas à comunicação, não significa que o médium não estivesse alheio ao episódio. O médium responsável é um cooperador chamado auxiliar e não uma máquina desprovida de razão e sentimento.

Necessário entender que não há comunicação mediúnica sem consentimento por parte do médium. E, por consentimento, não se deve entender apenas a concordância declarada e consciente, mas toda atitude mental capaz de oferecer sintonia com as mentes desencarnadas.

Um pensamento, uma emoção, um desejo, por mais insignificantes que pareçam, expressam-se no Além na forma de ondas que estabelecem sintonias. É nesse aspecto que entra em jogo o mundo interior do médium, com suas qualidades e defeitos..

Não basta a passividade plena. É imprescindível conhecer-se por dentro, a fim de avaliar que tipo de ascendência moral já reunimos no trato com as entidades perturbadas e perturbadoras.

Por essa razão, o sonambulismo puro, para atuar na mediunidade como ferramenta útil, reclamará esclarecimento, disciplina e amor.

Sem isso, a faculdade poderá transformar-se num veículo desgovernado prestes a provocar desastres.

Augusto

LEVY, Clayton. *Mediunidade e Autoconhecimento*. Págs. 61-62. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"
Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Mãos amigas no Trabalho Espiritual

por Suely Caldas Schubert

29-9-1946

“(...) Deus te pague pelo conforto que me envias sempre com a tua palavra encorajadora. Seria difícil, impossível mesmo, transitar pelo caminho das obrigações espirituais, sem mãos amigas que nos ajudem o entendimento. Meus agradecimentos, pois, à tua dedicação de sempre.”

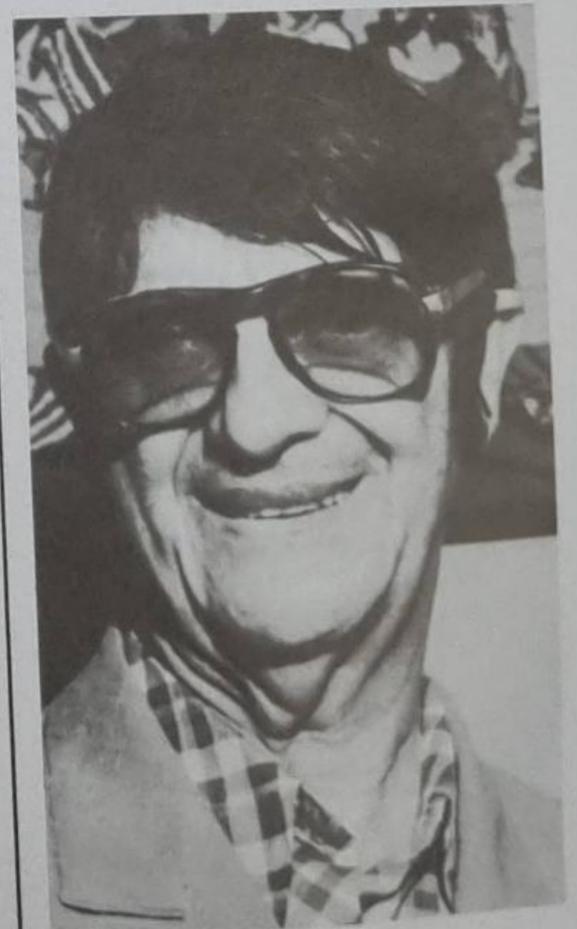
Chico assinala o apoio e a solidariedade com que Wantuil o cerca. Também ele não prescinde dessa ajuda espontânea e sincera. Aqueles que trilham o “caminho das obrigações espirituais”, que bem sabemos áspero e difícil, não podem prescindir das “mãos amigas”, da permuta de vibrações com os companheiros que se afinizam com o mesmo ideal. É o que André Luiz denomina de “vibrações compensadas”, afirmando em belíssimo trecho: “É da Lei, que nossas maiores alegrias sejam recolhidas ao contacto daqueles que, em nos compreendendo, permutam conosco valores mentais

de qualidades idênticas aos nossos, assim como as árvores oferecem maior coeficiente de produção se colocadas entre companheiras da mesma espécie, com as quais trocam seus princípios germinativos. (“Nos Domínios da Mediunidade”, cap. 1, pág. 18, 14ª ed. Feb.).

Wantuil de Freitas, embora distante fisicamente, é uma presença constante e amiga ao lado de Chico Xavier.

“(...) Tuas informações, referentemente ao livro que encontraste e que eu procurava, esmoreceram-me o desejo de lê-lo (“A Bem da Verdade”). A cópia do teu artigo (...) dá-me a idéia do que vem a ser o trabalho. É uma pena! Pensei que o livro apresentasse aspectos do assunto com substância mais elevada.

(...) Aguardo com muito interesse a nova edição do “Roustaing”. Constituirá um grande serviço à Causa da Verdade e do Bem, nos moldes de que me tens dado notícias.”





“A Bem da Verdade”, de autoria de Henrique Andrade, é livro de combate à obra “Os Quatro Evangelhos”, de J.B. Roustaing. Quando Wantuil informa a Chico quanto ao seu conteúdo, este desiste de lê-lo. Não porque fosse um livro contrário a “Os Quatro Evangelhos”, mas, sim, porque não corresponde à sua expectativa de encontrar em suas páginas “aspectos do assunto com substância mais elevada”. O comentário de Chico Xavier é feito sem qualquer laivo de crítica ferina, contundente ou depreciativa. Ele apenas lamenta que não haja argumentos e conteúdo substancial no livro mencionado.

“(…) A publicação de um livro alusivo à organização federativa da FEB é excelente realização. Desenvolverá, a meu ver, novos campos educativos entre pessoas e agrupamentos.

O livro sobre pontuação que me enviaste, certamente chegará no correio amanhã. (...) Achei admirável a regra-síntese que me deste - “não separar o sujeito do verbo e do objeto direto”.

Wantuil de Freitas, embora distante fisicamente, é uma presença constante e amiga ao lado de Chico Xavier.

Grato pelas notícias do “Grupo Ismael”. Espero em Deus que tudo esteja bem. Não sabia que o Dr. Sylvio era médium. Conheci-o, pessoalmente, quando estive no Rio pela penúltima vez, apresentado pelo Dr. Henrique Andrade, que me conduziu à presença dele, no Gabinete do ex-Ministro da Fazenda, Dr. Souza Costa. Foi muito generoso comigo, tratou-me com muita gentileza, mas até hoje ignorava que ele estivesse com tarefa mediúnica. (...)

Por onde anda o Professor Arnaldo São Thiago?

Desejo perguntar-te se o Dr. Guillon tem se comunicado no Grupo.guardo tuas notícias e, se possível, alguma cópia de mensagem dele.

O novo livro dedicado à infância, que João de Deus vem escrevendo por meu intermédio, está quase

a termo. Grato pelas notícias que me deste do retrato de Veneranda. Acho que a tua decisão de submeter o caso à apreciação da Diretoria foi muito bem inspirada. (...)

O livro alusivo à FEB é o “Organização Federativa do Espiritismo”, publicado no ano seguinte.

O novo livro de João de Deus, lançado em 1947, intitula-se “Jardim da Infância”.

Outras notícias completam o texto. ♦

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. Testemunhos de Chico Xavier. Pag. 93-95. Feb

Deus, Justiça, Evolução

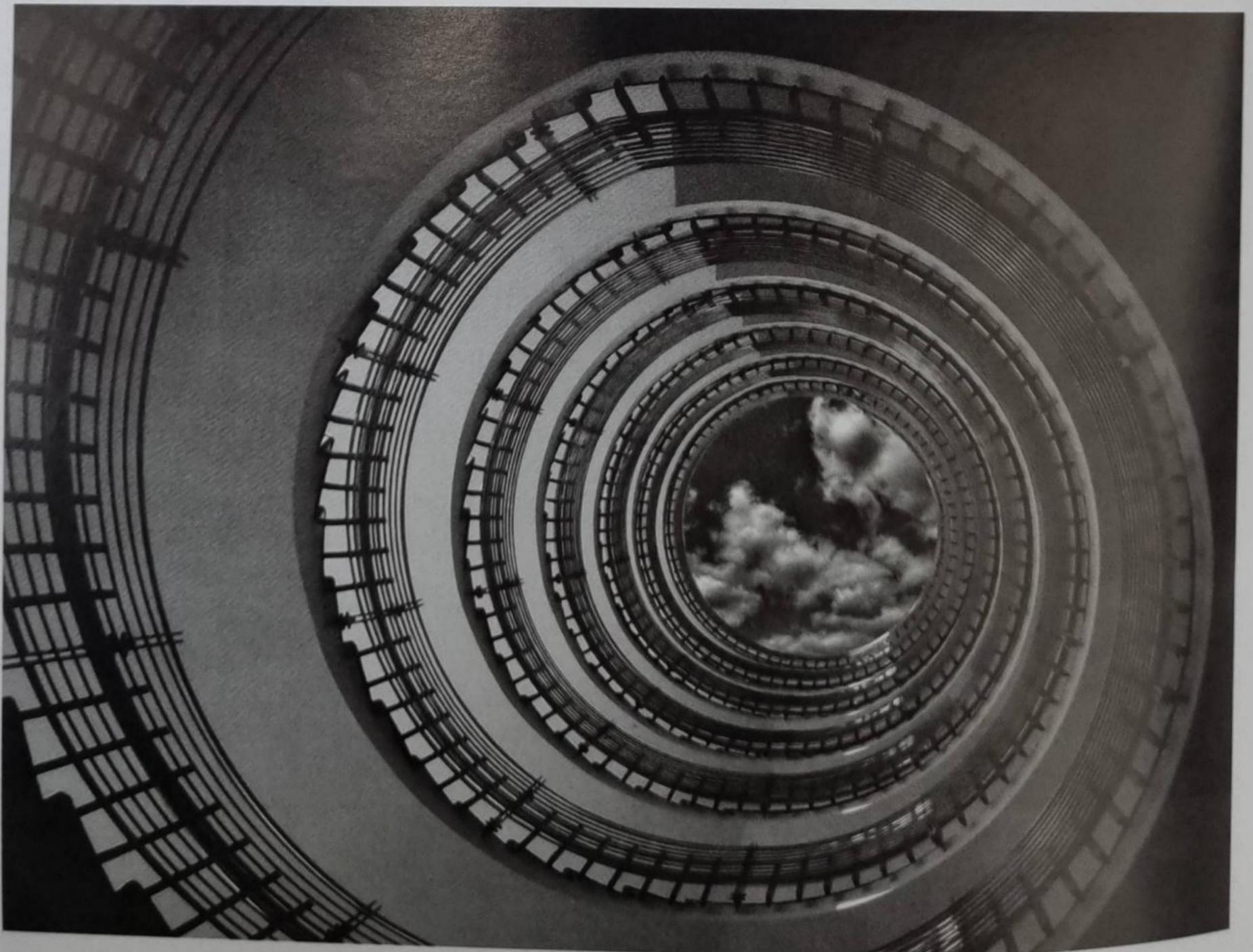
por Vinicius

Que significa a evolução se os seres inferiores não evoluem para as esferas superiores? Onde a eficiência dessa lei eterna e incoercível se os seres devem permanecer eternamente chumbados ao estado e às condições em que os conhecemos no momento atual?

Não temos, acaso, para refutar aquela hipótese, o fato incontestado das profundas modificações verificadas entre os animais de hoje em comparação com os do passado? O mesmo gênero humano não escapa a estas alterações. Os homens, como os animais da atualidade, divergem dos homens e dos animais de outro-

ra. Destes últimos, várias espécies desapareceram do teatro terreno, existindo apenas exemplares nos museus. Outras variedades há que existiram em épocas remotas e só lograram chegar ao nosso conhecimento através de vestígios fósseis.

A criação é uma cadeia infinita cujos elos se entrelaçam num ▶



movimento ascensional constante. Não podemos, naturalmente, ver e palpar esse entrelaçamento gradual e progressivo dos seres, porque o orbe em que habitamos não passa de uma nesga ou fração diminuta do universo.

Os elos da infinita cadeia se conjugam no incomensurável cenário da vida universal. Podemos imaginar esse fenômeno, podemos concebê-lo, mercê de nossa inteligência e de nosso raciocínio, mas não nos é dado comprová-lo neste mísero recanto que ora nos hospeda.

A escada que Jacob viu em sonhos, quando em caminho da Mesopotâmia, é a imagem fiel da evolução. Por essa escada, cujas extremidades se apoiavam, respectivamente, uma na Terra, outra no Céu, subiam e desciam os Espíritos. A escada com seus múltiplos degraus alegoriza claramente as várias etapas do progresso que os Espíritos vão galgando na conquista aurifulgente de seus destinos.

A Terra não está insulada no céu. Tudo, na criação, é solidário, como solidárias são as células de nosso corpo.

Mundos e sóis, planetas e astros, anjos e homens, animais e plantas - todas as modalidades de vida, da mais simples e rudimentar, à mais complexa e elevada, sobe a escada maravilhosa da evolução como

hino triunfal que a Natureza entoava à sabedoria infinita e ao amor incomparável de Deus.

O grande naturalista Darwin, conquanto se mantivesse exclusivamente no terreno da Biologia, averiguou a veracidade da evolução através das várias espécies animais anatomicamente estudadas. Gabriel Delanne, o pensador profundo, o

A evolução é um fato que se impõe, e que em tudo se verifica. No campo do subjetivo ela se ostenta também em demonstrações e testemunhos irretorquíveis. A imprensa de Guttemberg evoluiu para as Marinoni, essas máquinas admiráveis, verdadeiros prodígios da mecânica moderna. Os barcos de Fulton evolveram, a seu turno,

A evolução é um fato que se impõe, e que em tudo se verifica

espiritualista consumado, em sua obra majestosa - Evolução Anímica - firma, com dados positivos, o conceito, hoje indiscutível, do progresso de todos os seres numa empolgante peregrinação pela senda interminável do aperfeiçoamento. Wesley, protestante, fundador da igreja metodista, era partidário da evolução. Raciocinando, certa vez, sobre a sorte dos animais, teve este pensamento, próprio de uma alma cristã, de um coração amorável e justo: "Meu Deus! Certamente tens concedido aos animais a faculdade de melhorar. Creio que eles não permanecerão no estado de inferioridade em que hoje os conhecemos."

para essas naus possantes, para os transatlânticos que são cidades flutuantes unindo os continentes. A idéia de Guttemberg e a de Fulton, para citar apenas dois exemplos, emigraram de cérebro em cérebro, de geração em geração, subindo, ascendendo aos altos páramos do aperfeiçoamento. E, certamente, não se cristalizarão aí. O futuro, em todos os tempos, sempre trouxe em seu bojo surpresas maravilhosas.

Creio na evolução porque creio na justiça. Creio na justiça porque creio em Deus! ♦

Fonte:

Vinicius. Nas Pegadas do Mestre. Pág. 63 - 64. Feb

Um pouco de raciocínio

por Yvonne A. Pereira

Durante uma conversação amistosa entre espíritas, falava-se dos fenômenos mediúnicos desde que eles começaram, em 1848, a atrair o interesse mundial através dos acontecimentos supranormais em torno das meninas Fox, na pequena aldeia de Hydesville, nos Estados Unidos da América do Norte. Um dos presentes, senhora que atualmente inicia o aprendizado espírita, aparteou, em dado momento:

“Pois é! Tantos fenômenos positivos, reais, empolgantes, dos quais temos notícias através dos livros! Tanta facilidade em se obter, dos Espíritos amigos, orientações para todas as tentativas referentes à vida material! Tantos anúncios de ocorrências importantes, as quais bem cedo se realizavam com todos os detalhes anunciados pelo mundo invisível! O próprio presidente dos EUA, Abraão Lincoln, ouvia a sua

anunciando-lhe as vitórias que conquistaria, orientando-o no que deveria ou não fazer relativamente à mesma, enfim, assuntos positivos da vida material eram então esclarecidos, aconselhados e até facilitados pelos Espíritos. Por que somente eu não obtenho orientações espirituais sobre os meus negócios? Por que os médiuns, a quem tenho consultado, no Brasil, afirmam não poderem recorrer aos Espíritos a fim de pedirem esclarecimentos sobre os negócios que desejo realizar, quando o Presidente Lincoln era esclarecido e auxiliado por eles até sobre a Guerra Civil que se verificou durante o seu governo?

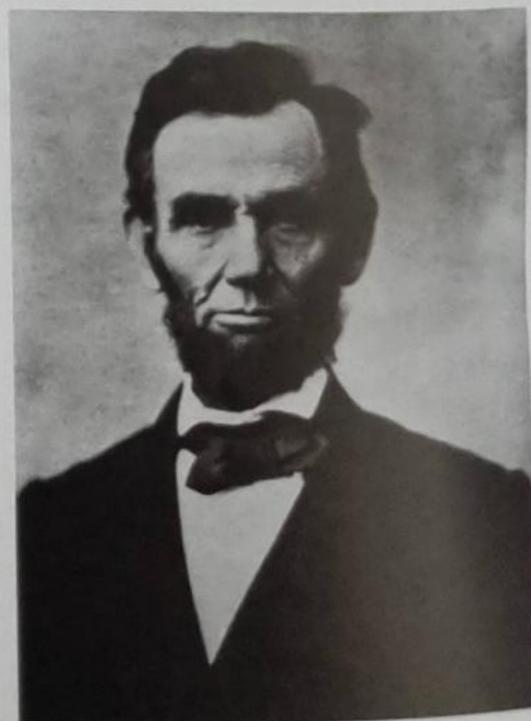
“Tenho um parente, a quem muito quero, que, por uma dolorosa circunstância, se viu encarcerado e processado pela Justiça. Entrará em julgamento agora. Ansiosa, corri a um médium dito Kardecista, pedindo-lhe perguntasse ao seu

O próprio presidente dos EUA, Abraão Lincoln, ouvia a sua médium preferida, Nettie Colburn Maynard

médium preferida, Nettie Colburn Maynard, sobre assuntos puramente materiais, até mesmo sobre o seu governo e a guerra de Secessão,

Guia Espiritual, ou ao meu, se esse parente seria absolvido. Respondeu-me o médium afirmando que tais pedidos não devem ser feitos aos

Abraão Lincoln, Presidente dos EUA de 1861 a 1865



Guias, que eu orasse, suplicando a misericórdia de Jesus para o detento, segundo as vistas do Criador, e que ele próprio, médium, oraria com fervor a benefício do prisioneiro, mas que não faria tal pedido aos Guias Protetores.

“Por que não pude ser atendida na minha pretensão? Por que uns obtêm o que desejam dos Espíritos, e outros não?”

Pediram aos amigos presentes que algo disséssemos a respeito, mas que o fizéssemos por escrito, uma vez que isso seria, talvez, de utilidade para outrem.

Do ano em que o ilustre Presidente Lincoln se preocupou com os fatos espíritas, consultando o seu médium de confiança sobre seus problemas na chefia do governo, à atualidade, há o espaço de um século! Por aquele tempo, não obstante já existir a Codificação espírita, realizada por Allan Kardec, o Espiritismo não era aceito na grande América (e hoje ainda o é raramente), como também não o era na própria Europa, senão pelos caracteres mais compreensivos e sensatos, e assim mesmo, como uma curiosidade empolgante, ou, quando muito, como uma ciência talvez de grande futuro para a Humanidade. Segue-se que ainda hoje, na própria América e também na Europa, o conceito sobre o Espiritismo é mais ou menos o mesmo.

O Espiritismo, convertido em Filosofia e Moral pela Codificação de Allan Kardec, não é aceito senão por uma minoria talvez desanimadora. Assim sendo, nos tempos de Lincoln, naqueles países eram comuns tais indagações, por ser a mediunidade considerada apenas uma força devassadora do Invisível,



os Espíritos permitiram, de início, sensacionais fenômenos, a fim de despertarem a atenção da massa

para revelações importantes, mas destituída daquele sacrossanto ideal exposto pelos Espíritos Celestes na obra de Codificação kardequiana.

Há um século os Espíritos admitiam tais especulações, em vista da necessidade de provar aos homens a imortalidade da alma e a possibilidade de ela se comunicar com eles; de serem identificadas, reconhecidas e aceitas através de insofismáveis provas das próprias atividades gerais junto aos mesmos homens, anunciando nova era para a Humanidade. Então, o mundo assistiu a fenômenos mediúnicos importantes, com a quase totalidade de médiuns de poderes psíquicos favoráveis ao alvo a colimar. Tais fenômenos, no entanto, recebidos como acontecimento natural, como realmente são, e não com o entendimento superior que só o coração fornece, não conseguiram levar a todas as almas aquela moral imortal, irresistível, que somente o Espiritis-

mo, aliado ao Evangelho do Cristo e apresentado pela escola de Allan Kardec, soube infiltrar no coração dos seus discípulos. No Brasil, onde a escola espírita fundada por Allan Kardec foi vigorosamente aceita, respeitada e amada, o médium não se dedica a investigações fora do limite traçado pelos postulados do Consolador, porque aprendeu, com os eminentes Espíritos que revelaram a Doutrina a Allan Kardec, que a finalidade da mesma é a renovação moral do indivíduo e não propriamente a sensação do fenômeno psíquico; que os Espíritos permitiram, de início, sensacionais fenômenos, a fim de despertarem a atenção da massa para a revelação da Moral regeneradora que eles traziam; que a mediunidade é um dom de Deus concedido para auxílio da aproximação do homem ao seu Criador através dos ensinamentos superiores que ela poderá captar do Alto e transmitir à Terra, e não

para profetizar acontecimentos que se encontram sob os desígnios da lei de Deus ou para indicar a este ou àquele o melhor negócio a tentar para enriquecer facilmente. Sobre tais aspectos, ensina a Doutrina codificada por Allan Kardec,

e do Evangelho, parece não causar escândalo, porque outros médiuns daquela época faziam o mesmo.

A Codificação do Espiritismo, porém, elevou a comunicação dos Espíritos com os homens ao grau de revelação celeste, e sublimou o

especialidades para a obtenção de determinados fenômenos entre a variedade de médiuns, o que nem sempre permite que um possa obter o que o outro obtém. A quem a dúvida afligir, um único recurso é aconselhável: estudar o assunto, aplicar-se a consultas aos códigos legítimos da Doutrina e a observação sadia dos fatos; distinguir a diferença existente entre a comunicação, única e exclusivamente como fato mecânico indicativo do dom fornecido pela Natureza, e a celeste Doutrina do Consolador, codificada por Allan Kardec, a qual, quando verdadeiramente aceita e praticada, produz o maior e mais sublime de todos os fenômenos: a regeneração do pecador, que se transforma em digno seguidor daquele que há dois milênios lançou ao mundo esta convidativa novidade.

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém irá a Deus senão por mim.”

A comunicação dos Espíritos é a Mensagem da Luz convidando o homem ao preparo para a união com Deus.

A Codificação realizada por Allan Kardec é a moral superior do Cristo ativando a reeducação das possibilidades humanas para a aceitação do divino convite. ♦

A Codificação do Espiritismo, porém, elevou a comunicação dos Espíritos com os homens ao grau de revelação celeste

reportando-se ao Evangelho do Cristo, lembrando o que foi dito, pelo próprio Mestre, há quase dois mil anos:

“Procurai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça; o resto ser-vos-á dado por acréscimo de misericórdia”, isto é: Renova o teu caráter com a prática das virtudes; reeduca a tua mente, os teus hábitos, os valores do teu espírito; cumpre fielmente o teu dever, inspirando-te na Moral do Cristo, e espera, confiante, porque tudo o de que necessitares e desejares virá às tuas mãos pela ordem natural das coisas, sem se tornarem necessárias indagações descabidas aos amigos espirituais.

Nettie Colburn Maynard era médium positivo, possuidor de grandes forças intermediárias e produziu belos e legítimos fenômenos de incorporação, mas recebia pagamento em dólar pelos serviços, inteiramente pessoais e materiais, que prestava ao próximo, o que não fará um médium reeducado sob os auspícios do Consolador. O fato, aliás, fora da Codificação

dom mediúnico, aliando-o à Moral do próprio Cristo, educando-o em princípios superiores e fornecendo-lhe categoria de missão. O médium, assim educado, respeitará a faculdade que Deus lhe concedeu e não se dedicará a indagações ao Invisível, em nome do Cristo, sobre quaisquer negócios financeiros terrenos, nem se arriscará a profecias de qualquer natureza, senão aguardando a voluntária manifestação dos Espíritos competentes e amigos sobre futuros acontecimentos. Hoje, há um século dos primeiros movimentos espíritas, já não será tolerados os arrojados, que então se toleravam, senão nos meios refratários ao Evangelho, os quais precisarão ser sacudidos pelos fatos positivos da Ciência. Mas, pelo amor, pelo raciocínio da fé e a confiança chegar-se-á ao mesmo resultado da verdade a que o grande Presidente e outros do seu tempo chegaram. Nettie, a médium citada, possuía faculdades mecânicas apropriadas para os fenômenos obtidos, faculdades que não são comuns. Mas os médiuns não são exatamente iguais. Existem

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. À Luz do Consolador. Págs. 101 - 105. Feb. 1998.

A Lei de Causa e Efeito

por Eliseu F. Mota Júnior

Vimos que a prova existencial de Deus, instintivamente alojada na mente humana, também decorre naturalmente de um axioma constantemente aplicado às nossas ciências, consubstanciado no princípio de que não há efeito inteligente sem uma causa inteligente; desse modo, diante de uma obra inconcebível para a causalidade humana, a razão revela que o seu autor somente pode ser Deus.

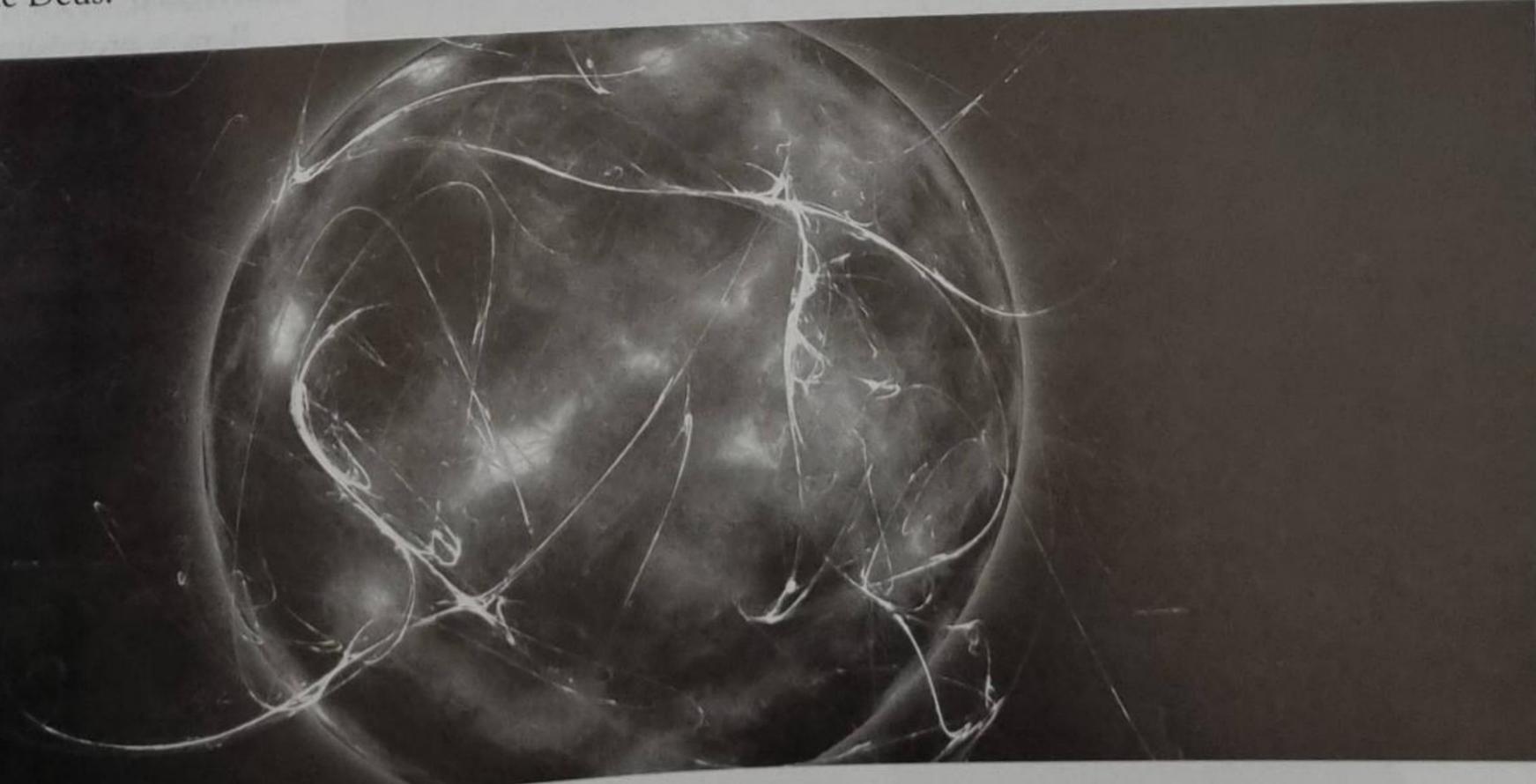
Isto parece muito claro. Entretanto, muitos perguntam, até com certa dose de ironia, o que é essa tão decantada *lei de causa e efeito*, capaz até de levar o homem à realidade da existência de Deus?

Respondendo, poderíamos inicialmente equacionar o nexos etiológico da seguinte forma: o efeito, só pode ser atribuível a uma causa, uma vez que do nada não pode surgir nada. Este é o resultado da aplicação prática da teoria da *conditio sine qua non*, a qual pode ser assim resumida: considera-se causa a energia ou força sem a qual um determinado *efeito não poderia jamais ter ocorrido*, salvo se a causa desse efeito for atribuída ao acaso ou ao nada.

Mas, como argutamente observou Allan Kardec, a “harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e designios

determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.”¹

Outra ilação a ser extraída do axioma relativo à *lei de causa e efeito* é a de que todo efeito inteligente deriva de uma causa inteligente. De fato, sendo logicamente impossível que uma causa puramente mecânica possa gerar um efeito inteligente, a conclusão inapelável é a de que, se um efeito é inteligente, a causa (força ou energia) que o produziu só pode ser inteligente.



1. Allan Kardec. O Livro dos Espíritos, p. 53.

ESTUDO

Dentro da espécie humana, essa evidência decorre do próprio conceito de inteligência: em que situação um homem é considerado inteligente? Quando ele, dentro do seu campo de atuação, produz obras mais perfeitas do que os seus semelhantes, destacando-se naturalmente entre eles. Desse modo, se quisermos um parâmetro seguro para análise do grau de inteligência, basta submetermos a obra de quem a produziu ao crivo desse axioma: o autor será tanto mais inteligente quanto maior perfeição revelar o produto do seu trabalho.

A partir daí vamos contemplando as obras que nos cercam. Concluiremos que muitas delas, por mais inteligência que evidenciem, estarão dentro das possibilidades humanas. Porém, quando nos depararmos com uma obra que transcenda à inteligência humana mais genial, então ela não poderá ter

que o problema pode ser resolvido pela mecânica das leis naturais, sem necessitar de uma inteligência cósmica imanente.

Prosseguindo na análise das obras que nos rodeiam, inevitavelmente chegaremos naquelas que constituem a Natureza e, depois, no conjunto universal: as galáxias, as estrelas, o nosso sistema planetário com o sol sustentando a órbita dos planetas, entre eles a Terra, o seu satélite lunar, a atmosfera, os mares, os rios, as selvas, os animais e o próprio homem são obras indiscutíveis, perceptíveis pelos nossos sentidos mas cuja criação supera a maior das capacidades intelectuais humanas que a imaginação possa sequer supor.

É que, como asseverou o mesmo Allan Kardec, o poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Não podendo nenhum ser humano criar o que a Natureza produz, a

Entretanto, mesmo diante desse quadro exuberante, virá logo um materialista dialético dizendo que tais obras são meros efeitos naturais, e que, não obstante sejam de fato concatenadas e grandiosas, podem ser explicadas pela ação exclusiva de forças materiais e mecânicas decorrentes das leis de atração e repulsão molecular, porquanto as plantas e os animais nascem, crescem, reproduzem-se e morrem sempre de maneira idêntica, e cada indivíduo se assemelha continuamente aos seus geradores; que as características próprias das cores, do crescimento, da floração e da frutificação estão subordinadas aos efeitos daquelas mesmas leis, entre elas os raios caloríferos, a eletricidade, a luz, a umidade e outras mais. Portanto, desnecessária seria a busca de uma outra causa para tais efeitos, porque desde logo pode-se antever um resultado frustrante para esse tipo de investigação monótona e aborrecida.

Bem a propósito, há o registro histórico de um interessante episódio ocorrido durante a entrega do revolucionário livro *Mécanique Celeste* (Mecânica Celeste) ao imperador Napoleão Bonaparte, feita pelo próprio autor daquela obra, o matemático, físico e astrônomo francês Pierre Simon de Laplace (1749-1827), na qual ele "demonstrou a estabilidade do sistema solar a partir da lei de Newton para a gravitação", incorporando-a no seu livro e nele incluindo "a proposta agora conhecida como a hipótese da nebulosa de Laplace sobre o nascimento do sistema solar. Ele ▶

Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa

seido o produto do trabalho de um homem. Diante desse panorama, o observador superficial atribuirá a autoria a uma força sobrenatural, que a sua indiferença se recusa a investigar. Outro, sem o mínimo espírito pragmático, dirá que foi o acaso criador quem fortuitamente produziu aquele resultado. Virá então o homem da Ciência, que tudo explica (ou tenta explicar!) e dirá

causa primária é, conseqüentemente, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os prodígios que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe dêem."²

2. Idem, ibidem.

também concebeu a idéia de que uma estrela poderia ter uma massa tão grande que as partículas de luz não poderiam escapar dela, uma idéia similar à teoria moderna dos buracos negros.”³

Consta que o imperador francês, ao tomar conhecimento do conteúdo da obra, teria comentado com Laplace: “Escrevestes este enorme livro sobre o sistema do mundo sem mencionar uma só vez o Autor do Universo”. O cientista então replicou com uma histórica frase, que ficou célebre: “Senhor, não senti necessidade dessa hipótese”.⁴

Examinada superficialmente, essa resposta de Laplace pode até ser conveniente para sustentar o dogma do acaso criador, que nega a imanência cósmica de uma inteligência suprema, causa primária de todas as coisas, porém, não resistirá a uma análise mais profunda e é fulminada pelo próprio raciocínio usado, qual seja a lógica da razão, como veremos pela simples exposição de um outro episódio, desta feita envolvendo o não menos célebre cientista britânico Isaac Newton, aqui tantas vezes mencionado.

Conta-se que certa vez Sir Isaac Newton pediu a um mecânico dotado de extraordinária perícia para fazer-lhe uma réplica em miniatura do nosso sistema solar, com esferas representando os planetas, conjugadas por engrenagens e correias que lhes conferissem movimento harmônico na medida em que fossem acionadas por uma pequena manivela. Mais tarde, Newton recebeu a visita de um colega cientista que não acreditava em Deus. Sua

palestra foi relatada no Minnesota Technology:

“Certo dia, quando Newton estava sentado no seu estúdio, lendo, com seu mecanismo perto de si, numa grande mesa, entrou seu amigo incrível. Como cientista, reconheceu imediatamente o que tinha diante de si. Chegando-se perto, moveu vagarosamente a

mente uma imitação insignificante de um sistema mais grandioso, cujas leis conhece, e eu não o posso convencer de que este mero brinquedo não foi projetado nem feito por alguém; no entanto, você professa crer que o grandioso original, de que se copiou o desenho, veio a existir sem ter sido projetado e feito por alguém! Ora, diga-me, por meio

O Universo é obra inteligentíssima, obra que transcende a mais genial inteligência humana

manivela e observou com indisfarçada admiração os corpos celestes movendo-se todos na velocidade relativa às suas órbitas. Afastando-se alguns pés, exclamou: ‘Oh! Que coisa primorosa! Quem fez isso?’ Newton, sem levantar os olhos de seu livro, respondeu: ‘Ninguém!’

“Voltando-se rapidamente para Newton, o incrível disse: ‘Evidentemente não entendeu a minha pergunta. Perguntei quem fez isso?’ Levantando então os olhos, Newton assegurou-lhe solenemente que ninguém o fizera, mas que o conjunto de materiais, tão admirado, assume por acaso a forma que tinha. Mas o incrível assombrado replicou um pouco acaloradamente: ‘Deve pensar que sou tolo! Naturalmente foi feito por alguém e este alguém é um gênio, e eu gostaria de saber quem é.’

“Pondo de lado o livro, Newton levantou-se e deitou a mão no ombro de seu amigo. ‘Essa coisa é so-

de que espécie de raciocínio chegou a tal conclusão incongruente?’

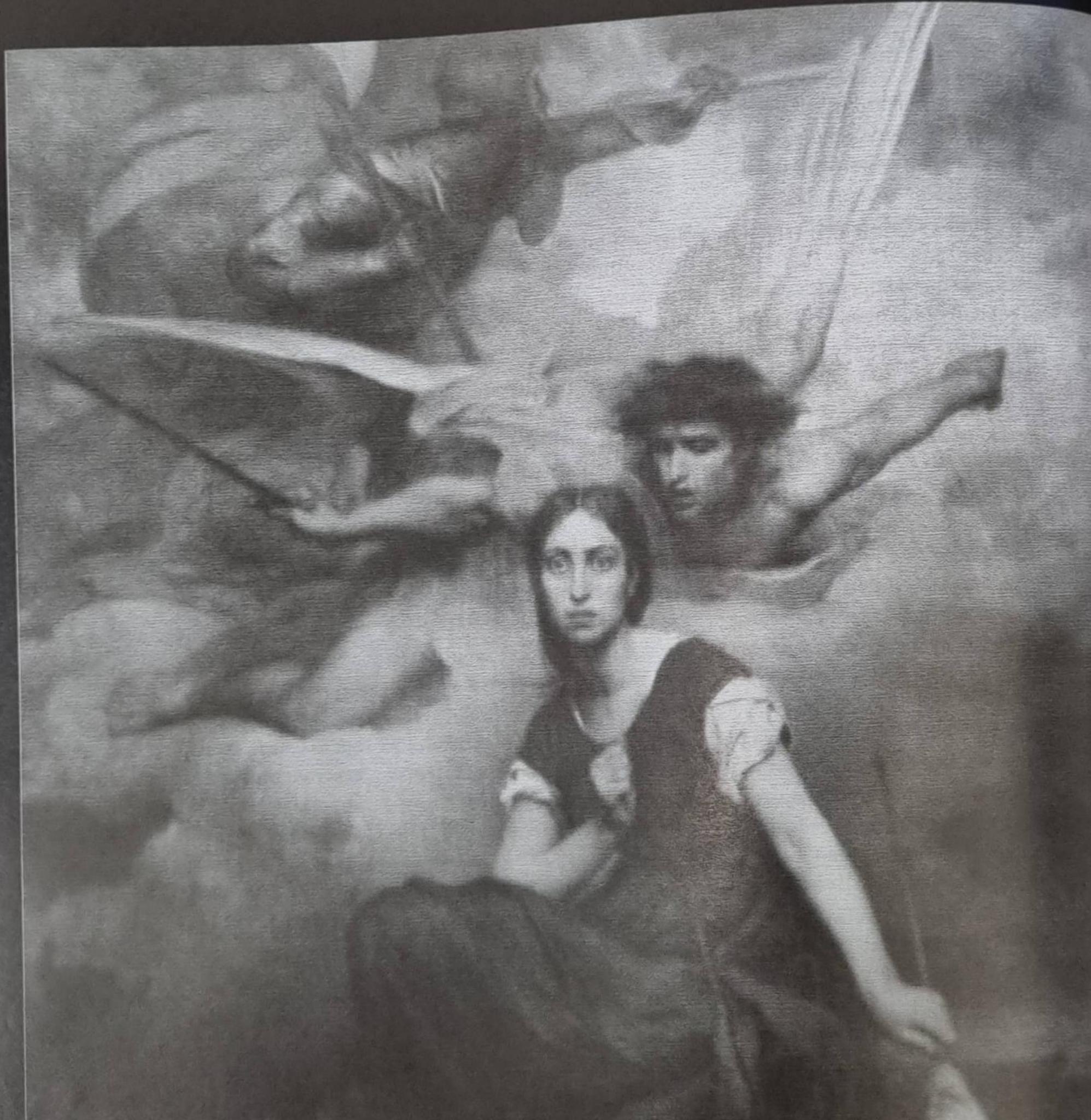
Sem maiores comentários, porque o exemplo fala por si mesmo, encerraremos este capítulo repetindo Eurípedes Barsanulfo, quando disse poeticamente:

“O Universo é obra inteligentíssima, obra que transcende a mais genial inteligência humana. E, como todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, é forçoso inferir que a do universo é superior a toda inteligência. É a inteligência das inteligências, a causa das causas, a lei das leis, o princípio dos princípios, a razão das razões, a consciência das consciências; é DEUS! DEUS!... nome mil vezes santo, que Isaac Newton jamais pronunciava sem descobrir-se!...” ♦

Fonte:

MOTA Jr, Eliseu F. *Que é Deus*. Pág. 144 - 149. Casa Editora O Clarim, 1998.

3. Conforme Nova Enciclopédia Ilustrada Folha, vol. 2, p. 551.
4. Deus está de volta, matéria de capa da Revista Globo Ciência n° 43, ano 4, p. 31-37



Joana d'Arc

A donzela que libertou um país

por Carlos Otávio

Domremy, um povoado pobre à sudeste de Paris, foi o local que viu nascer, a 6 de janeiro de 1412, Joana d'Arc (Jeanne d'Arc), também chamada de "La Pucelle d'Orléans".

Filha de Jacques d'Arc e Isabeau Daix, humildes camponeses, a menina atravessou a infância ladeada por três irmãos e uma irmã, em ambiente honesto e trabalhador. No lar, aprendeu o culto ao legítimo soberano das terras de França.

Em nada distinta das crianças circunvizinhas, ela mesma é quem assevera:

"Minha vida deveria ter sido calma e pacata, como o riacho desconhecido que corre sobre a relva; mas não foi assim: Deus não quis".

A existência de Joana teria sido, de fato, simplória, não fossem os recursos mediúnicos de que se fazia investida, em época ainda anterior ao estudo sistematizado da doutrina codificada, séculos mais tarde, por Allan Kardec.

Segundo Léon Denis, a encarnação de Joana d'Arc foi brilhante fonte de inspiração do alto, integrante de ininterrupta cadeia que acabou por conduzir a humanidade ao Moderno Espiritualismo. Já para Emmanuel, sua figura nobre "cumpriu elevada missão adstrita aos princípios de justiça e de fraternidade na Terra

Quando Joana veio ao planeta, a França vivia um momento histórico singular. Extremas dificuldades domésticas e externas oprimiam seu povo. O Tratado de Troyes, assinado em 1420, garantia à Inglaterra boa parte do território francês, inclusive Paris. Estava em curso a Guerra dos Cem Anos, iniciada em 1337 quando Felipe VI, rei de França, atacou Guyenne e passou a investir contra o litoral inglês.

Mas o conflito com a Inglaterra não era tudo. Internamente, o povo francês encontrava-se cindido. De um lado, os "Borguinhões", representantes da região de Borgonha, que, julgando Carlos VI, então rei, incapacitado para o desempenho das funções, aliaram-se aos ingleses para a tomada do poder. Em oposição, os "Armagnacs", que, liderados pelo duque de Orléans, reconheciam a legitimidade do poder real.

Joana relata um fato ocorrido àquela ocasião: "Um dia, eu tinha 13 anos, estava fiando...na casa de meu pai, quando escutei uma voz que me chamava. Não vendo ninguém, pensei ter sido um engano da minha imaginação; mas a mesma voz se fez ouvir alguns segundos depois. Eu vi então... Saint-Michel ... Ele me disse para rezar e confiar, que Deus libertaria a França... Aproximadamente um mês depois, eu revi o arcanjo e seus anjos. Ele me deu bons conselhos e me disse diversas coisas sobre o destino da França. Suas visitas tornaram-se bastante freqüentes; um dia, ele disse que em breve eu veria Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite."



Joana vai à Guerra

Joana estreitou o contato com os benfeitores espirituais nos anos subseqüentes, até que eles a disseram: “Jeanne, vai te encontrar com o senhor de Baudricourt, comandante de Vaucoulers; tu lhe dirás que ele lhe dê armas, um cavalo e dois fidalgos para te conduzir ao rei, que, por sua vez, te dará militares para levantar o cerco de Orléans. Tu o levarás em seguida a Reims para fazer sua sagração.”

E assim foi! Anunciando-se enviada por Deus, Joana deu prova inequívoca da fortaleza de sua fé. Para conquistar seus objetivos de retomar Orléans e conduzir o filho de Carlos VI à sagração em Reims, ela encontrou inúmeras dificuldades sem jamais desistir. Sem perder a paz, foi repetidamente ignorada, ofendida, interrogada e até examinada em sua intimidade, a fim de provar sua virgindade, afinal, segundo a crença medieval, bruxas

não poderiam manter-se castas. Tal qualificação faria seu plano natimorto.

O delfim Carlos, temendo por sua reputação, submeteu a jovem a diversos conselhos formados por teólogos e bacharéis, mas nenhum se opôs à incumbência, por ela recebida por via mediúnica, de dirigir-se a Orléans, cidade sitiada e perigosamente cercada por fortalezas inglesas.

Não lhe foi fácil a tarefa de angariar a confiança de graduados militares, acostumados a sangrentos combates. Por diversas vezes, suas idéias não prevaleceram e as estratégias adotadas levaram os franceses a reveses. Tudo mudou, porém, quando em certa noite, já nas cercanias de Orléans, enquanto dormia, foi despertada por Sta. Catherine que lhe disse:

“Jeanne, arma-te rápido e vai até o Forte de Saint-Loup, que os

franceses atacaram inoportunamente; eles recebem, nesse momento, a pena de sua imprudência. Alguns deles já estão mortalmente feridos; vai ao encontro deles e tu os trarás triunfantes.”

Ao erguimento de seu branco estandarte, do qual constavam os escritos: “Jesus” e “Maria”, reagiam às tropas francesas munidas de novo ânimo. Assim, passaram a conquistar, incluindo a da noite relatada em Saint-Loup, consecutivas vitórias, até que a 8 de maio de 1429, os ingleses deixaram Orléans, sofrendo entre 6000 e 8000 baixas nos três dias antecedentes.

Era como um milagre! A primeira parte da incumbência havia sido bem cumprida. A presença de Joana influía, decisivamente, na confiança das tropas francesas que avançaram reconstruindo, cidade a cidade, seu território: Jargeau, Yenville, Beaugency, Patay!

Joana sob Mãos Inglesas

As vitórias sucederam-se após a campanha de Orléans e os ingleses e borguinhões chegaram mesmo a evitar o combate, deixando cidades como Troyes e Châlons, em respeito à fama já conhecida da Donzela libertadora.

O objetivo maior da campanha era retomar Reims, cidade onde se localizava a Catedral de Saint-Remi, na qual, tradicionalmente, ocorria a sagração dos reis de França, o que se deu sem que jorrasse uma única gota de sangue. Joana conduziu, finalmente, o delfim Carlos à pomposa cerimônia de sagração em 17 de julho de 1429, conferindo-lhe o título de Carlos VII, rei de França. Sua incumbência terminara! Ela conseguira!

Naquela mesma noite, fora do corpo físico, Joana recebeu a visita dos três santos que a acompanhavam:

“Jeanne, tu realizaste a missão que Deus te confiou. Volta para Domremy para buscar, no seio de tua família e de uma feliz obscuridade, uma felicidade que tu só encontrarás neste lugar.”

Não era este, contudo, o interesse do rei, que a sabia capaz de fazer seus soldados mais fortes e o inimigo, temeroso. Diversas vezes venceu sem sequer haver batalha. Àquela altura, Paris ainda se encontrava sob jugo inglês. O rei viajava de cidade em cidade obtendo a submissão do povo, mas ainda faltava Paris. Joana bem solicitou ao rei seu retorno ao lar paterno, mas em vão. Como resposta, apenas a ordem para ficar.

Ciente do término de sua missão espiritual, Joana modificou sua postura, deixando as deliberações aos generais franceses e limitando-se a encorajar as tropas reais, através de sua conduta e palavra. Em pouco tempo, o rei montou cerco a Paris. Soissons, Chateau Thierry, Coulommiers, Baron, Senlis, St. Denis, Montmartre, todas se tornaram leais a Carlos VII. Em contrapartida, Paris assistia os borguinhões avolumarem-se em meio aos ingleses.

O ataque iniciou-se no dia 8 de setembro, ocasião em que Joana foi flechada na coxa. O cenário mudara. Joana reconhecia grande número de invejosos compatriotas em face de seus préstimos ao rei. Naquele dia permanecera ao solo, sem auxílio, até o anoitecer. As vozes bondosas, então, fizeram-se ouvir:

“Jeanne, antes de Saint-Jean, cairás em poder dos teus inimigos; mas te submete à vontade de Deus, ele te ajudará nas provas que te aguardam.”

Assim, no fragor da batalha travada a nordeste de Paris, entre as cidades de Margny e Compiégne, ao visitar a linha de frente, o que costumava causar a fuga e o pavor dos inimigos, Joana foi puxada de seu cavalo e capturada pelos ingleses. Era 25 de maio de 1430.

Reclusa no castelo de Beaulieu, Joana não foi abandonada pelos protetores. Santa Catherine confortou-a na cela: “Jeanne, tem coragem, Deus te ajudará.”

Joana sob a Inquisição

As torturas a que foi submetida na prisão dão-nos idéia do grau de dificuldade daqueles dias e da fé inquebrantável de que dispunha Joana. Já transferida para Rouen, onde se encontrava o infante-rei inglês, ela foi atirada a uma gaiola de ferro, acorrentada no pescoço, cintura, pés e mãos.

“Era extremamente casta, mas essa virtude foi para mim fonte de tormentos; os guardas, sabendo que sempre fui contra os maus costumes, se divertiam em cantar músicas obscenas e em fazer propostas indecentes. Não satisfeitos com as palavras, tentaram várias vezes me violentar; faziam isso tanto por eles mesmos quanto para satisfazer o bispo que lhes prometera uma boa recompensa se eles conseguissem tirar minha virgindade. Caso tivessem êxito, Cauchon poderia facilmente condenar-me como bruxa.”

Pierre Cauchon era o bispo de Beauvais, inimigo capital dos armagnacs (defensores do rei Carlos VII). Embora incompetente, dado que sua jurisdição não alcançava o local em que Jeanne fora presa, tudo fez para investir-se da qualidade de seu julgador, o que conseguiu, submetendo-a a julgamento religioso, sob a égide da Inquisição. Tratava-se de manobra astuta para retirar-lhe a fama de heroína.

Ante um processo lento, eivado de vícios e repleto de interrogatórios ardilosos, Joana bem aguardou pela ajuda de Carlos VII. Ela acreditava que poderia libertar-se, ainda que as negociações exigissem vultosa quantia do tesouro francês. Todavia, a cada novo dia somente as armadilhas de Cauchon lhe visitavam. Infligindo-lhe pesados tormentos psicológicos, o bispo de Beauvais, na qualidade de juiz do processo, de tudo fez para acusá-la de heresia. ▶



Joana e a Fogueira

Quarta-feira, 30 de maio de 1431, Joana recebe sua sentença: seria queimada naquele mesmo dia. “Esta notícia inesperada causou-me um choque terrível; fiquei, durante alguns minutos, imóvel como uma estátua; minha cabeça estava em fogo, todas as minhas faculdades mentais se anularam, meu peito estava violentamente oprimido e eu só sentia que vivia graças às dolorosas batidas do meu coração”.

Apesar do desespero, Joana encontra forças para perdoar naquele momento supremo. Pouco depois do trágico anúncio, eis que surge a figura do bispo-juiz, o que a faz exclamar:

“Pobre de mim! Se os senhores tivessem me colocado nas prisões eclesiásticas, isso não aconteceria; porém eu os perdôo de todo meu coração, bem como a todos os que me fizeram ou quiseram mal e peço a Deus que use de clemência para com os senhores”.

Já no cadafalso, instalado na praça do Mercado Vermelho, Joana recebe a mitra da Inquisição, onde grafaram: “herege,

relapsa, apóstata, idólatra”. Lenha em chamas, uma última prova ainda seria exigida de Joana: aguardar por quase uma hora pela chegada do fogo, dada a altura da fogueira.

“Durante cerca de 15 minutos sofri horríveis torturas; mas as santas me encorajavam, e, quando dei finalmente o último suspiro, levaram com elas minha alma para os céus.”

Somente em 1450 Carlos VII mandou investigar o processo que levou à morte a Pucelle d’Orléans. Foi provada sua inocência em 7 de julho de 1456, em sentença divulgada na Catedral de Rouen. Beatificada em 1909, foi canonizada em 1920.

“Se Deus, aquilatando da fraqueza dos fortes e da prudência dos avisados, preferiu salvar a França por intermédio de uma mulher, de uma menina, quase criança, foi, sobretudo, para que, comparando a fragilidade do instrumento com a grandeza do resultado, o homem não mais duvidasse; foi para que visse claramente nessa obra de salvação, o efeito de uma vontade superior, a intervenção da potência externa ...” ♦

Leitura recomendada:

- 1) Revista Espírita, *Jornal de Estudos Psicológicos*, 1858 – ANO I. Kardec aqui comenta sobre a mediunidade de Ermance Dufaux, que contava, então, com quatorze anos, ao psicografar a obra “História de Joana d’Arc”.
- 2) O Livro dos Médiuns
O capítulo XXXI trata das dissertações espíritas e nas que dizem respeito aos médiuns, encontramos a mensagem XII assinada pelo espírito Joana d’Arc.
O capítulo XXIV cuida da identidade dos espíritos e pode ser oportuno para o estudo dos fenômenos ocorridos com Joana, quando, durante sua existência física, via e ouvia espíritos identificados como São Miguel, São Gabriel, Sta. Catarina e Sta. Margarida.
- 3) Cristianismo e Espiritismo (Léon Denis)
No capítulo V, o autor relata a importância das relações com os espíritos dos mortos para o Cristianismo nascente. Exemplifica o intercâmbio exercitado por Jesus, Paulo de Tarso, dentre outros.

Referências Bibliográficas

- D’ARC, Joana (Espírito). *História de Joana d’Arc: ditada por ela mesma [psicografia]* Ermance Dufaux. 2ª ed. Rio de Janeiro: edições Léon Denis, 2006.
- Revista Espírita: *jornal de estudos psicológicos: Ano primeiro – 1858/ publicada sob a direção de Allan Kardec*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2004.
- EMMANUEL (Espírito). *A Caminho da Luz: história da civilização à luz do espiritismo/ditado pelo espírito Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier*. 30ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*. 12ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

Pensamento e Mediunidade

por André Luiz / Chico Xavier

Em matéria de mediunidade, não nos esqueçamos do pensamento. Nossa alma vive onde se lhe situa o coração.

Caminharemos, ao influxo de nossas próprias criações, seja onde for. A gravitação no campo mental é tão incisiva, quanto na esfera da experiência física. Servindo ao processo geral, move-se a alma na glória do bem. Emparedando-se no egoísmo, arrasta-se, em desequilíbrio, sob as trevas do mal.

A Lei Divina é o bem de todos.

Colaborar na execução de seus propósitos sábios é iluminar a

Nos domínios do espírito não existe a neutralidade.

Evoluímos com a luz eterna, segundo os desígnios de Deus, ou estacionamos na treva, conforme a indébita determinação de nosso "eu".

Não vale encarnar-se ou desencarnar-se simplesmente. Todos os dias, as formas se fazem e se desfazem. Vale a renovação interior com acréscimo de visão, a fim de seguirmos à frente, com a verdadeira noção da eternidade em que nos deslocamos no tempo.

Consciência pesada de propósitos malignos, revestida de remorsos,

cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos.

Se persistirmos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadaem nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores.

Imaginar é criar.

E toda criação tem vida e movimento, ainda que ligeiros, impondo responsabilidade à consciência que a manifesta. E como a vida e o movimento se vinculam aos princípios de permuta, é indispensável analisar o que damos, a fim de ajuizar quanto àquilo que devemos receber.

Quem apenas mentalize angústia e crime, miséria e perturbação, poderá refletir no espelho da própria alma outras imagens que não sejam as da desarmonia e do sofrimento?

Um viciado entre os santos não lhes reconheceria a pureza, de vez que, em se alimentando das próprias emanções, nada conse-

Servindo ao processo geral, move-se a alma na glória do bem

mente e clarear a vida. Opor-lhe entraves, a pretexto de acalantar caprichos perniciosos, é obscurecer o raciocínio e coagular a sombra ao redor de nós mesmos.

É indispensável ajuizar quanto à direção dos próprios passos, de modo a evitarmos o nevoeiro da perturbação e a dor do arrependimento.

referta de ambições desvairadas ou denegrada de aflições não pode senão atrair forças semelhantes que a encadeiam a torvelinhos infernais.

A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas.

Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado.

A resultante visível de nossas

guiria enxergar senão as próprias sombras.

Quem vive a procurar pedras na estrada, certamente não encontrará apenas calhaus subservientes.

Quem se detenha indefinidamente na medição de lama está ameaçado de afogamento no lodo.

O viajante fascinado pelos sarçais, à beira do caminho, sofre o risco de enlouquecer entre os espinheiros do mato inculto.

Vigiemos o pensamento, purificando-o no trabalho incessante do bem, para que arrojemos de nós a grilheta capaz de acorrentar-nos a obscuros processos de vida inferior.

É da forja viva da idéia que saem as asas dos anjos e as algemas dos condenados.

Pelo pensamento, escravizamos-nos a troncos de suplício infernal, sentenciando-nos, por vezes, a séculos de peregrinação nos trilhos da dor e da morte.

A mediunidade torturada não é senão o enlace de almas compro-

metidas em aflitivas provações nos lances do reajuste.

E, para abreviar o tormento que flagela de mil modos as consciências reencarnada ou desencarnada, quando nas grades expiatórias, é imprescindível atender à renovação mental, único meio de recuperação da harmonia.

Satisfazer-se alguém com o ró-

deficiências e fraquezas. Expressam deveres de melhoria a que não nos será lícito fugir, sem agravo de obrigações.

Em nossos círculos de trabalho, desse modo, não nos bastará o ato de crer e convencer.

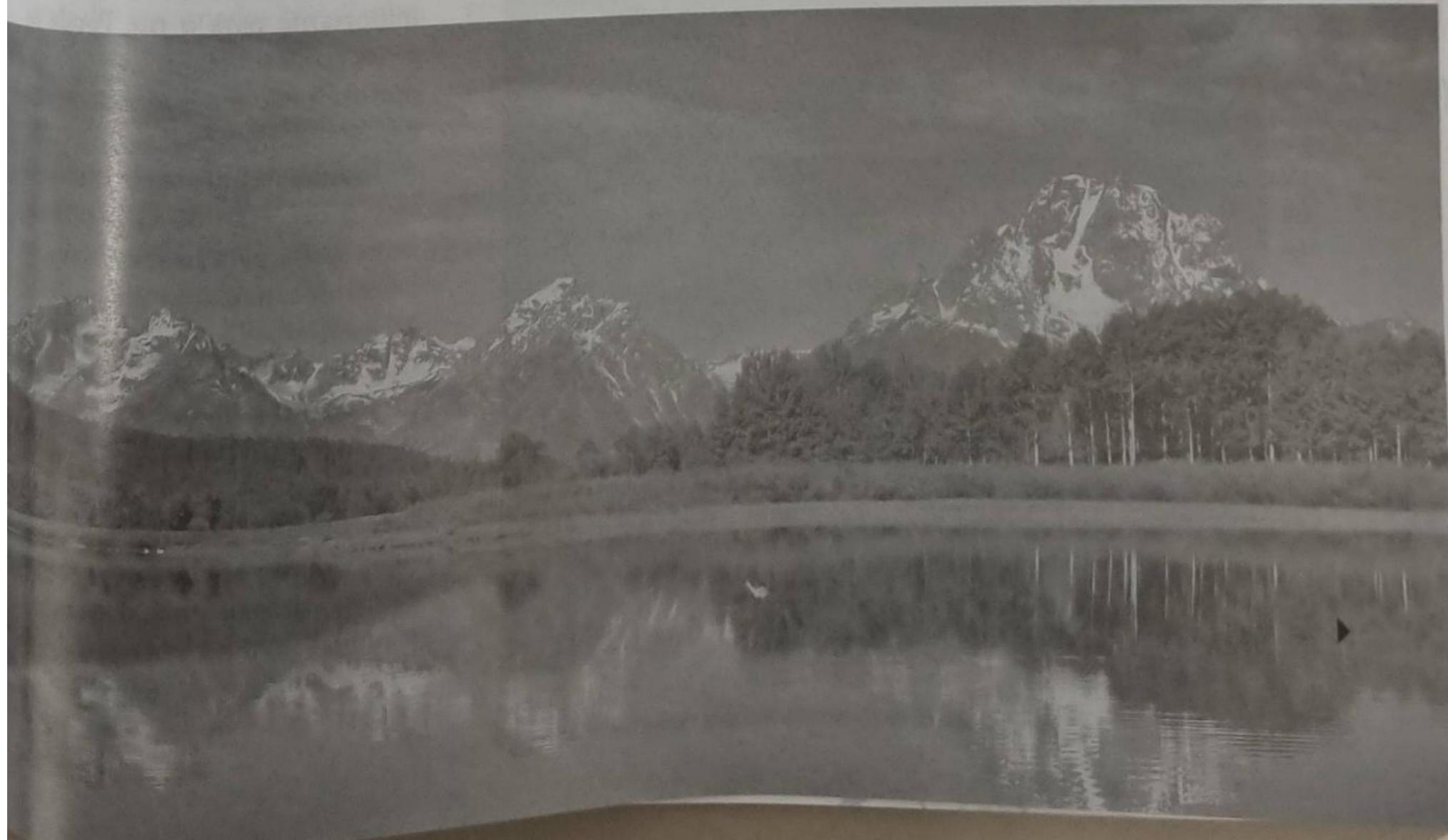
Ninguém é realmente espírita à altura desse nome, tão-só porque haja conseguido a cura de uma

Vigiemos o pensamento, purificando-o no trabalho incessante do bem

tulo, em matéria religiosa, sem qualquer esforço de sublimação interior, é tão perigoso para a alma quanto deter uma designação honorífica entre os homens com menosprezo pela responsabilidade que ela impõe.

Títulos de fé não constituem meras palavras, acobertando-nos

escabiose renitente, com o amparo de entidades amigas, e se decida, por isso, a aceitar a intervenção do Além-Túmulo na sua existência; e ninguém é médium, na elevada conceituação do termo, somente porque se faça órgão de comunicação entre criaturas visíveis e invisíveis. ▶



ENSINAMENTO

Para conquistar a posição de trabalho a que nos destinamos, de conformidade com os princípios superiores que nos enaltecem o roteiro, é necessário concretizar-lhes a essência em nossa estrada, por intermédio do testemunho de nossa

conversão ao amor santificante.

Não bastará, portanto, meditar a grandeza de nosso idealismo superior. É preciso substancializar-lhe a excelsitude em nossas manifestações de cada dia.

Os grandes artistas sabem co-

locar a centelha do gênio numa simples pincelada, num reduzido bloco de mármore ou na mais ingênua composição musical. As almas realmente convertidas ao Cristo lhe refletem a beleza nos mínimos gestos de cada hora, seja na emissão de uma frase curta, na ignorada cooperação em favor dos semelhantes ou na renúncia silenciosa que a apreciação terrestre não chega a conhecer.

Nossos pensamentos geram nossos atos e nossos atos geram pensamentos nos outros.

Inspiremos simpatia e elevação, nobreza e bondade, junto de nós, para que não nos falte amanhã o precioso pão da alegria.

Convicção de imortalidade, sem altura de espírito que lhe corresponda, será projeção de luz no deserto.

Mediação entre dois planos diferentes, sem elevação de nível moral, é estagnação na inutilidade.

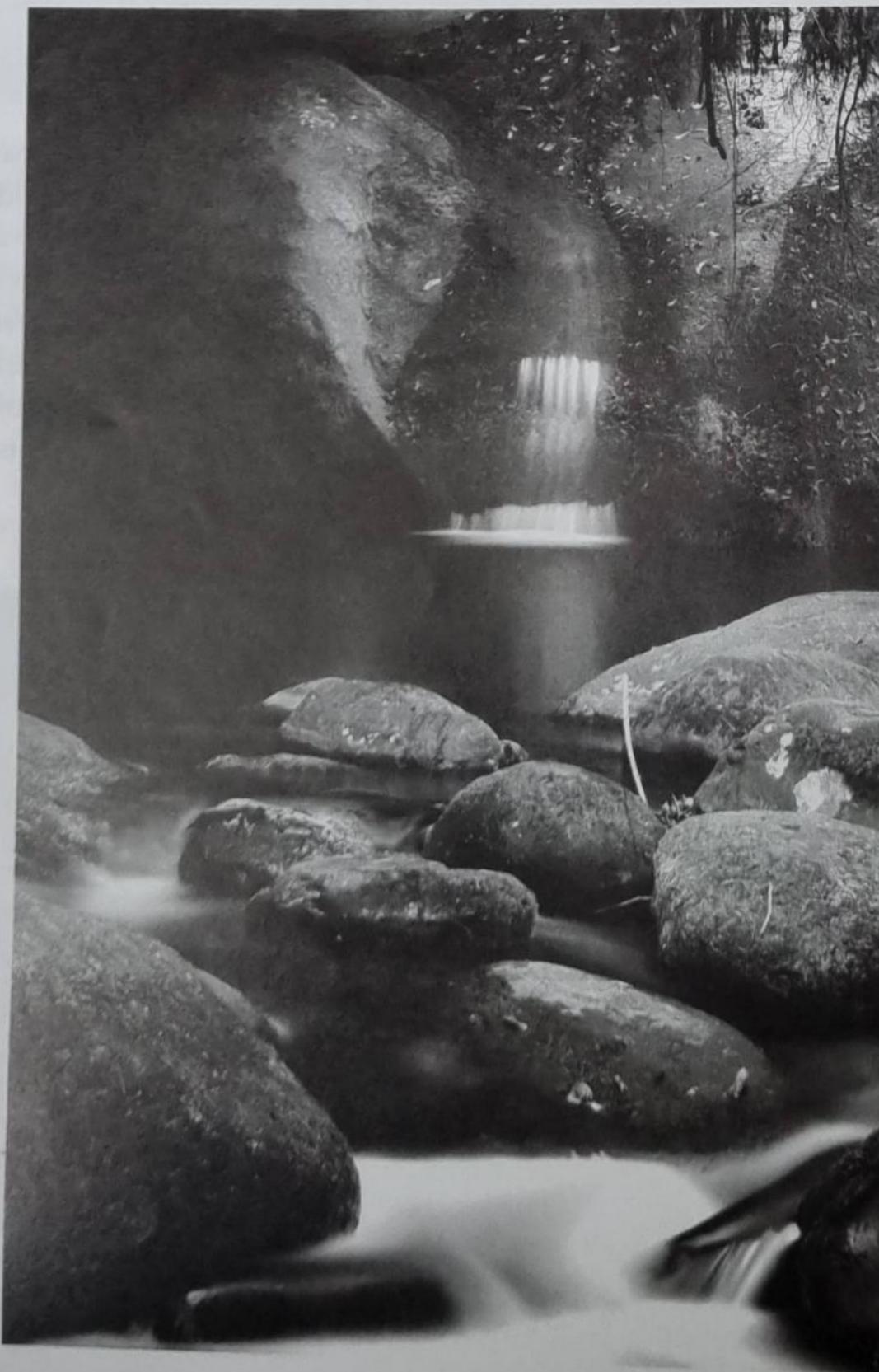
O pensamento é tão significativo na mediunidade, quanto o leito é importante para o rio. Ponde as águas puras sobre um leito de lama pútrida e não tereis senão a escura corrente da viciação.

Indubitavelmente, divinas mensagens descerão do Céu à Terra. Entretanto, para isso, é imperioso construir canalização adequada.

Jesus espera pela formação de mensageiros humanos capazes de projetar no mundo as maravilhas do seu Reino.

Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais

Nossos pensamentos geram nossos atos e nossos atos geram pensamentos nos outros



altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda.

A comunhão com os orientadores do progresso espiritual do mundo, através do livro, nos enriquece de conhecimento, acentuando-nos o valor mental; e a plantação de bondade constante traz consigo a colheita de simpatia, sem a qual o celeiro da existência se reduz a fumaça de desespero e desânimo.

Não basta ver, ouvir ou incorporar Espíritos desencarnados, para que alguém seja conduzido à respeitabilidade.

Irmãos ignorantes ou irresponsáveis enxameiam, como é natural, todos os departamentos da Terra, em vista da posição evolutiva deficitária em que ainda se encontram as coletividades do Planeta e, muitas vezes, sem qualquer raiz de perversidade propriamente dita, milhares de almas, despidas do envoltório denso, praticam o vampirismo junto dos encarnados invigilantes, simplesmente no intuito de prosseguirem coladas às sensações do campo físico das quais não se sentem com suficiente coragem para se desvencilharem.

Toda tarefa, para crescer, exige trabalhadores que se dediquem ao crescimento, à elevação de si mesmos.

Isso é demasiado claro em todos os planos da natureza.

Não há frutos na árvore nascente. A matéria não desbastada é incapaz de servir, com eficiência, ao santuário doméstico. A areia movediça não garante a sustentação. Não se faz luz na candeia sem óleo. O

carro não transita com êxito onde a picareta ainda não estruturou a estrada conveniente. Como esperardes o pensamento divino, onde o pensamento humano se perde nas mais baixas cogitações da vida?

Que mensageiro do Céu fará fulgir a mensagem celestial em nosso entendimento, quando o espelho de nossa alma jaz denegrido pelos mais inferiores dos interesses?

Em vão buscaria a estrela retratar-se na lama de um charco.

Amigos, pensemos no bem e executemo-lo.

Tudo o que existe dentro da Natureza é a idéia exteriorizada.

com o Pai Celestial.

Escalemos o plano superior, instilando pensamentos de sublimação naqueles que nos cercam.

A palavra esclarece. O Exemplo arrebatada. Ajustemo-nos ao Evangelho Redentor. Cristo é a meta de nossa renovação. Regenerando a nossa existência pelos padrões d'Ele, reestruturaremos a vida íntima daqueles que nos rodeiam.

Meus amigos crede! ...

O pensamento puro e operante é a força que nos arroja do ódio ao amor, da dor à alegria, da Terra ao Céu ...

Procuremos a consciência de Je-

O pensamento puro e operante é a força que nos arroja do ódio ao amor

O Universo é a projeção da Mente Divina e a Terra, qual a conheceis em seu conteúdo político e social, é produto da Mente Humana.

Civilizações e povos, culturas e experiências constituem formas de pensamento, através das quais envolvemos, incessantemente, para esferas mais altas.

Atentemos, pois, para a obrigação de auto-aperfeiçoamento.

Sem compreensão e sem bondade, irmanar-nos-emos aos filhos desventurados da rebeldia.

Sem estudo e sem observação, demorar-nos-emos indefinidamente entre os infortunados expoentes da ignorância.

Amor e sabedoria são as asas com que faremos nosso vôo definitivo, no rumo da perfeita comunhão

para que a nossa consciência lhe retrate a perfeição e a beleza! ...

Saibamos refletir-lhe a glória e o amor, a fim de que a luz celeste se espelhe sobre as almas, como o esplendor solar se estende sobre o mundo.

Comecemos nosso esforço de soerguimento espiritual desde hoje e, amanhã, teremos avançado consideravelmente no grande caminho! ...

Meus amigos, meus irmãos, rogando a Jesus que nos ampare a todos, deixo-vos com um até breve. ... ♦

Fonte:

XAVIER, Francisco C. *Nos Domínios da Meditatividade*. Págs. 137 - 144. Feb. 2006.

Tributo de Gratidão a Divaldo Franco e a Chico Xavier

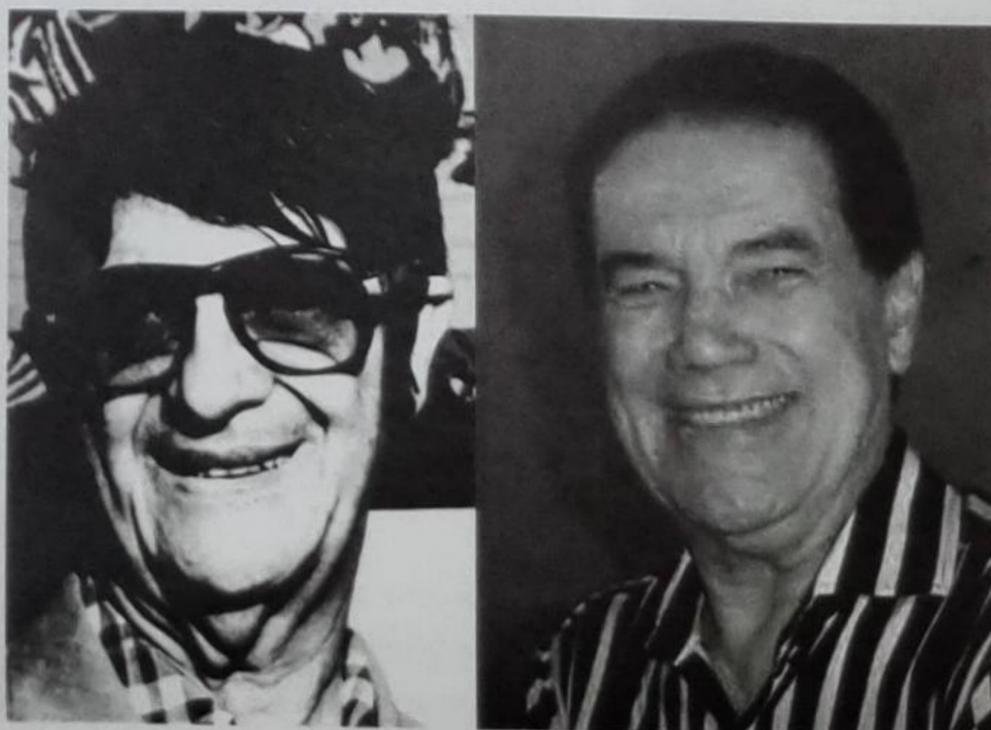
por Federação Espírita do Paraná

(a propósito de calúnias e maledicências que circulam contra os dois trabalhadores)

Um nasceu em Minas Gerais e já retornou para a Pátria Verdadeira. Outro, nasceu na Bahia e prossegue nos labores, doando-se integralmente à divulgação espírita.

O primeiro não era dado a discursos. Falava manso, pausado, e sua pena psicográfica nos deixou nada menos de 421 obras, dos mais diversos gêneros: poesia, romances, de estudo, de consolo, mensagens familiares...

O segundo, exímio na Oratória, arrebatava multidões por todo lado. Alcançou o Mundo e é responsável direto pelo nascimento de avultado número de Centros Espíritas, em vários países dos cinco Continentes.



Seus dons mediúnicos serviram à psicografia de 210 livros que, até o momento, já vieram à luz.

Por suas mãos abençoadas, qual escada de Jacó dos tempos modernos, vertem poesia, história, mensagens, informações preciosas do Mundo Espiritual.

Ele nos trouxe de volta os premiados Tagore e Victor Hugo, e personalidades ilustres, trabalhadores de horas passadas, que continuam atuantes e servidores, como Manoel Philomeno de Miranda, Joanna de Ângelis, Bezerra de Menezes, entre tantos outros conhecidos.

O primeiro retornou à Pátria Espiritual tendo ultrapassado a casa das nove dezenas em idade, sendo exemplo até o fim do servidor discreto e ativo.

O segundo, mesmo com problemas de saúde que o abraçam de há muito, não se permite repouso. Quanto mais os anos se somam, mais viaja, e psicografa, e fala, esclarece, orienta, estimula.

Francisco Cândido Xavier, o primeiro, que a si mesmo denominava *Cisco de Deus*, sofreu, a seu tempo, toda sorte de intrigas, calúnias e maldades que pode conceber o coração humano que, por não alcançar os cumes onde se projeta a estrela, joga pedras, tentando retirá-la das alturas onde brilha. Mais tarde, passados os anos de dor, silêncio e solidão, reconheceram-lhe as virtudes e passaram a dirigir-lhe elogios.

O segundo, Divaldo Pereira

Franco, recebeu e continua recebendo as pedradas da inveja, da impiedade, da maldade. Não perde tempo a defender-se. Seu Modelo e Guia, Jesus, morreu crucificado, e seu Mestre, Allan Kardec, também padeceu todo tipo de perseguição e calúnias. Quanto mais o agridem, mais se alteia e conquista espaço nos

da pena de Chico, nada menos de seis obras mediúnicas de Divaldo mereceram apresentação de Espíritos Superiores, exaltando-lhe a qualidade mediúnica e o esforço no Bem.

Divaldo, por sua vez, não cessa de exaltar o exemplo que foi o médium mineiro, servidor sempre. Em suas palestras, reporta-se

Dois gigantes, dois servidores do Cristo

corações e nas mentes dos que desejam, firmemente, aprender mais para melhor aproveitar a presente etapa reencarnatória.

Ele já foi *persona non grata* em países totalitários, já sofreu interrogatórios de governos arbitrários. Não deixou de oferecer seu ombro amigo a inúmeras criaturas, recebendo, embora de alguns, a ingratidão, por recompensa.

Dois gigantes, dois servidores do Cristo. Cada qual com sua missão. Um, já tendo colhido os louros da vitória, abandonou a carne e recepcionado pelo próprio Senhor da Vinha. Outro, ainda a ralar os joelhos nas escadas do progresso, firme ante os embates que se lhe oferecem, a cada passo.

O Movimento Espírita Mundial deve muito a um e a outro. Espíritos a caminho de suas próprias conquistas, são amigos, são irmãos. Sempre o foram. Através

ao amigo Chico, de quem guarda as melhores lembranças, como aquele que amou sem nada exigir, que sabia dar respostas adequadas para as perguntas que tinham por objetivo colocar em xeque suas qualidades mediúnicas.

Através de Divaldo, Joanna de Ângelis escreveu belíssima mensagem, apenas dois dias após a desencarnação de Chico, informando da recepção que Lhe reservou o próprio Senhor Jesus, como recompensa ao seu labor, na Terra, amando e sofrendo.

Um e outro são incomparáveis, mesmo porque não existem duas criaturas iguais sobre a face da Terra. Cada ser é único, pois Deus não Se repete.

Por mais falem os espíritas, por maiores homenagens prestem a um e a outro, jamais poderão devolver, em gratidão, o quanto receberam e continuam recebendo. ▶

HOMENAGEM

Por isso, a Federação Espírita do Paraná deseja, neste artigo, mais uma vez, dizer do quanto é devedora desses dois gigantes e unir sua voz a de todos os demais corações agradecidos, para exaltar o trabalho e as qualidades de Francisco Cândido Xavier e de Divaldo Pereira Franco.

Dois servidores do Cristo! A Chico, devemos as mais de quatro centenas de obras que nos remetem ao Bem. Dele, guardamos as recordações do médium, do servidor de Jesus, do homem simples, amante da paz e o envolvemos nas vibrações da nossa gratidão perene.

A Divaldo, além das mais de duas centenas de livros psico-

ao inaugurar a era dos Simpósios e das Conferências Estaduais, anualmente, ele é presença especialmente aguardada.

Muitos esperam a desencarnação da pessoa para depois exaltar-lhe as qualidades. A Federação Espírita do Paraná acredita que os que seguem conosco, empunhando o estandarte da luz, devem merecer não somente o preito da gratidão, mas a amizade, fazendo-se presente, caminhando juntos.

E é isso que desejamos tributar, nesta oportunidade, ao orador espírita, ao amigo, ao desbravador de fronteiras espirituais, ao idealizador de tantas Casas Espíritas, ao médium seguro, ao homem do Mundo, Embaixador da Paz: Divaldo Pereira Franco.

feito em algumas de suas palestras, como se fossem, tais pessoas, os detentores da verdade.

A Federação Espírita do Paraná, como Instituição centenária, resolveu por quebrar esse injustificável silêncio, e dizer em alto e bom som de sua consideração por esses dois titãs da difusão doutrinária.

Mesmo com essas manifestações, sabemos serem pequenas diante da grandeza do trabalho e dos trabalhadores que aqui apresentamos, também sendo pequeno o nosso manifesto de gratidão diante da grandeza dos benefícios recebidos. Sabemos, por fim, que o melhor que poderia acontecer, era que todos os espíritas vivenciássemos os princípios mais elementares da nossa Doutrina de fraternidade, que recomenda a máxima: *Fora da caridade não há salvação*, que reinterpreta a essência da mensagem de Jesus: *Amar ao próximo como a si mesmo e a Deus acima de todas as coisas.* ♦

Muitos esperam a desencarnação da pessoa para depois exaltar-lhe as qualidades

grafados, da mais alta qualidade doutrinária, deve a Federação Espírita do Paraná, ainda, a sua presença constante e ininterrupta de 53 anos de atividades de difusão doutrinária no Paraná.

A FEP o conheceu mais jovem do que hoje e ele esteve presente em Encontros os mais variados. A sua palavra ilustrou os mais importantes eventos doutrinários, promovidos em nível regional, inter-regional, estadual. Desde 1992,

Este momento se faz especial para tanto, já que há vezes que se prestam ao desserviço ao Movimento Espírita, ensaiando retomar episódios de um passado já distante, e tentar fazer sombra ao trabalho de Divaldo e, por extensão, ao de Chico, disseminando tristezas em nome de falsas verdades. Também se esforçam por distorcer o verdadeiro sentido de abordagens que Divaldo tem

Sente-se à mesa para comer

por Eduardo Martins



Existem formas que se podem até utilizar nas conversas com amigos ou mesmo na linguagem coloquial, mas nunca devem ser escritas. Uma delas é **sentar** ou **sentar-se em**. É preciso distinguir **sentar em** de **sentar a**. Sentar ou sentar-se **em** significa acomodar-se **em** cima de alguma coisa ou lugar. Veja uma frase correta com **em**: *Sentou-se na mesa para demonstrar informalidade.* O mesmo, porém, não sucede com estas outras: *Sentou "na" mesa para comer.* / *Sentou-se "no" piano para tocar.* Quem escreve dessa maneira revela que se coloca em cima da mesa ou do piano.

Qual é o correto então? Todos nos *sentamos* (ou *sentamos*) *à mesa para fazer as refeições.* Da mesma forma que nos *sentamos ao computador; à máquina, ao piano, à janela.* A preposição **a**, no caso, significa **junto a**: *junto à mesa, junto à máquina, junto ao piano, junto à janela.*

Empreste a e não de

Quando quer conseguir alguma coisa por empréstimo, você diz que vai **emprestar** essa coisa **de** alguém? Se escreve ou fala dessa forma, tente mudar: **emprestar**, em bom português, significa apenas ceder por empréstimo. Assim: *Emprestou o livro ao amigo.* Ou seja, ele cedeu o livro por empréstimo ao amigo. Da mesma forma: *Empresta dinheiro habitualmente.*

Bem, então como deve fazer quem queira alguma coisa por empréstimo? É preciso usar verbos auxiliares, como pedir, pegar, conseguir ou tomar, por exemplo: *Pediu emprestado o carro do amigo.* / *Conseguiu emprestada a bicicleta do irmão.* / *Tomou emprestados um agasalho e um blusão.* Repare que **emprestado** varia e concorda com o termo a que se refere.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 126. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Em peregrinação

"Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura." - Paulo (Hebreus, 13:14.)

Risível é o instinto de apropriação indébita que assinala a maioria dos homens.

Não será a Terra comparável a grande carro cósmico, onde se encontra o espírito em viagem educativa?

Se a criatura permanece na abundância material, apenas excursiona em aposentos mais confortáveis.

Se respira na pobreza, viaja igualmente com vistas ao mesmo destino, apesar da condição de segunda classe transitória.

Se apresenta notável figuração física, somente enverga efêmera vestidura de aspecto mais agradável, através de curto tempo, na jornada empreendida.

Se exhibe traços menos belos ou caracterizados de evidentes imperfeições, vale-se de indumentária tão passageira quanto a mais linda roupagem do próximo, na peregrinação em curso.

Por mais que o impulso de propriedade ateie fogueiras de perturbações e discórdias, na maquinaria do mundo, a realidade é que homem algum possui no chão do Planeta domicílio permanente. Todos os patrimônios materiais a que se atira, ávido de possuir, se desgastam e transformam. Nos bens que incorpora ao seu nome, até o corpo que julga exclusivamente seu, ocorrem modificações cada dia, impelindo-o a renovar-se e melhorar-se para a eternidade.

Se não estás cego, pois, para as leis da vida, se já despertaste para o entendimento superior, examina, a tempo, onde te deixará, provisoriamente, o comboio da experiência humana, nas súbitas paradas da morte.



Emmanuel - Chico Xavier
Vinha de Luz